



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA

O PEQUENO GRUPO

Base de crescimento e amadurecimento da Igreja na perspectiva bíblica

NORBERTO NORÕES OLIVEIRA DE SOUZA

BELÉM – PARÁ
2013

NOMINATA

COORDENADOR DA FATEBE Seminário Teológico Equatorial

Diretor Geral
Dr. D. B. Riker, Ph. D.

A FATEBE

Diretor Geral
Dr. D. B. Riker, Ph. D.

Diretor Acadêmico
Prof. Ms. José Carlos de Lima Costa

Diretor Administrativo – Financeiro
Pr. Antonio Ronaldo Fermiano de Souza

Secretária e Gestora Acadêmica
Esp. Sheila Gomes Carneiro Sousa

Coordenador de Pesquisa e Pós – Graduação / Sub Coordenador de TCC
Prof. Ms. Elcio Sant’Anna

Coordenador Acadêmico de Teologia
Prof. Ms. José Carlos de Lima Costa

Composição do Texto
Norberto Norões Oliveira de Souza



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA

O PEQUENO GRUPO

Base de crescimento e amadurecimento da igreja na perspectiva bíblica

NORBERTO NORÕES OLIVEIRA DE SOUZA

TCC apresentado em cumprimento às exigências
curso de Bacharel em Teologia ministrada como
Requisito final para obtenção de grau em
Bacharel em Teologia pela FATEBE – Faculdade
Teológica Batista Equatorial.

BELÉM – PARÁ
2013

FICHA CARTOGRÁFICA

SOUZA, Norberto Norões Oliveira

O PEQUENO GRUPO: Base de crescimento e amadurecimento da igreja na perspectiva bíblica / Norberto Norões Oliveira de Souza: Apresentação de trabalhos científicos, Belém, 2013, 61 p.

TCC (Aproveitamento do Curso de Teologia) – Faculdade Teológica Batista Equatorial, Curso de Bacharel em Teologia.

Orientação de: MTh Elcio Sant'Anna

As concepções do Pequeno Grupo 2. Estrutura do Pequeno Grupo 3. Funcionamento do Pequeno Grupo 4. O Pequeno Grupo e suas implicações p/ a igreja local.

O PEQUENO GRUPO
Base de crescimento e amadurecimento da igreja na perspectiva bíblica
Apresentação de trabalhos científicos

NORBERTO NORÕES OLIVEIRA DE SOUZA

Trabalho de conclusão do Curso apresentando
como Requisito final obtenção de grau em
Bacharel em Teologia pela FATEBE –
Faculdade Teológica Batista Equatorial.

Banca Examinadora

1. José Carlos de Lima Costa
2. Gustavo
3. Elcio Sant'Anna

Aprovado em 12/ 02/ 2014

Conceito: _____

AGRADECIMENTO

Aos meus pais: Sebastião Alves de Souza (in memorian) e Leonilia Oliveira de Souza, a minha esposa Mara Liege Lima de Souza e filhas Leomara e Leonara Souza, a todos os meus familiares e irmãos em Cristo Jesus.

A todos os professores da FATEBE que celebraram o convívio da Palavra e dos estudos partilhados durante esses longos quatro anos.

Ao Prof. MTh Elcio Sant'Anna (Homem de excelência) que diretamente ajudou-me como orientador para que este trabalho fosse realizado.

A todos os que de forma direta ou indiretamente contribuíram na elaboração deste trabalho.

RESUMO

Esta monografia é um estudo sobre Pequeno Grupo, em especial sobre a sua importância para a igreja em pleno século XXI. Inicialmente, apresento o estudo sobre as concepções do Pequeno Grupo, trazendo à tona as definições e modelos bíblicos no Antigo e Novo Testamento, baseando-se na criação do mundo, no ministério de Moisés, na vida de Jesus, na vida dos apóstolos e na vida e ensinamentos da igreja primitiva. Na segunda parte, é discutido a respeito da estrutura do pequeno grupo, respondendo a seguinte pergunta: Por que implantar pequeno grupo? dando-se uma ênfase para as pessoas-chaves do Pequeno Grupo, como: O líder, sua função, seus objetivos, suas responsabilidades para com o Pequeno Grupo e a igreja local; logo em seguida, sobre a importância do vice-líder dentro do contexto da multiplicação do Pequeno Grupo; o anfitrião, suas funções e os tipos de anfitriões; ainda foi observado o supervisor de Pequenos Grupos, suas funções; é ressaltado as funções do superintendente; como também do o pastor de área; surge o discipulador com as suas respectivas funções dentro do Pequeno Grupo e para com a Coordenação. No terceiro momento, é pesquisado sobre o funcionamento do Pequeno Grupo da seguinte forma: Onde pode funcionar; os passos para começar; convergindo expectativas; estabelecendo o alvo; estabelecendo pactos; como guarda a visão; foi salientado a relevância da reunião do Pequeno Grupo, seu planejamento e os seus estágios: Primeiro estágio – quebra-gelo, segundo estágio – adoração e o terceiro estágio – edificação (estudo da palavra); foi mostrado também o culto de celebração dos Pequenos Grupos. Na quarta parte é estudado a respeito do Pequeno Grupo e suas implicações para a igreja local, como: Pequeno Grupo e o crescimento; como o Pequeno Grupo influi no crescimento; o perfil de uma igreja que cresce a partir de um Pequeno Grupo; Pequeno Grupo e amadurecimento; como o Pequeno Grupo atua para o amadurecimento da igreja e que tipo de amadurecimento se dá na igreja a partir do Pequeno Grupo? O trabalho é concluído com um resumo dos capítulos anteriores e um apelo para que cada crente exerça a sua liderança.

Palavras-chaves: Pequeno Grupo, líder, responsabilidade, igreja local, pacto, crescimento, amadurecimento, grande comissão, ministério (visão).

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10-13
2.	AS CONCEPÇÕES DO PEQUENO GRUPO	14
2.1.	Definições e modelos bíblicos de pequenos grupos	14-17
2.1.2.	Definição de célula biológica	17-18
2.2.	O Pequeno Grupo na Bíblia	18
2.2.1.	O Pequeno Grupo no Antigo Testamento	19
2.2.1.1.	Na criação	19-21
2.2.1.2.	Com Jetro	21
2.2.2.	O Pequeno Grupo no Novo Testamento	23-27
2.2.2.1.	Na vida de Jesus Cristo	27
2.2.2.2.	Na vida dos apóstolos	27
2.2.2.3.	O Pequeno Grupo nos ensinamentos da igreja primitiva	26-27
3.	ESTRUTURA DO PEQUENO GRUPO	28
3.1.	Por que implantar Pequeno Grupo?	28-29
3.1.2.	Onde o Pequeno Grupo pode funcionar	29-30
3.3.	As pessoas-chaves do Pequeno Grupo	30
3.3.1.	O líder	30-31
3.3.1.1.	A função do líder de Pequeno Grupo	32
3.3.1.2.	Os objetivos do líder de Pequeno Grupo	32
3.3.2.	As responsabilidades do líder de Pequeno Grupo	32
3.3.2.1.	As responsabilidades do líder de Pequeno Grupo na igreja	33
3.3.2.2.	Tipos de líderes	33
3.3.2.3.	As funções do vice-líder do Pequeno Grupo	33-34
3.3.3.	O anfitrião do Pequeno Grupo	34-35
3.3.3.1.	As funções do anfitrião	35
3.3.3.2.	Tipos de anfitrião	35-36
3.3.3.3.	O supervisor de Pequenos Grupos	36
3.4.	As funções do supervisor do Pequeno Grupo	36-37
3.4.1.	Superintendente	37-38
3.4.1.1.	O pastor de área	38
3.4.1.2.	O discipulador de Pequeno Grupo	38-39
3.4.2.	As funções do discipulador	39
3.4.2.2.	As funções do discipulador com a coordenação	39
4.	FUNCIONAMENTO DO PEQUENO GRUPO	40
4.1.	Passos para começar um Pequeno Grupo	40
4.1.1.	Convergingindo expectativas	40
4.1.2.	Estabelecendo o alvo	40-41
4.1.3.	Estabelecendo os pactos no pequeno grupo	41
4.1.4.	Como guarda a visão do Pequeno Grupo	42
4.2.	A reunião do Pequeno Grupo e o seu planejamento	43
4.2.1.	Os estágios da reunião de Pequeno Grupo	43-44
4.2.2.	Primeiro estágio – quebra-gelo	44-45
4.2.3.	O segundo estágio – adoração	46

4.2.4.	O terceiro estágio – edificação – estudo da palavra	46-48
4.3.4.	O culto de celebração dos Pequenos Grupos	46
5.	O PEQUENO GRUPO E SUAS IMPLICAÇÕES P/ A IGREJA LOCAL	49
5.1.	Pequeno Grupo e o crescimento	49-51
5.1.1.	Como o Pequeno Grupo influi no crescimento	52-53
5.1.2.	O perfil de uma igreja que cresce a partir de um Pequeno Grupo	53-54
5.2.	Pequeno Grupo e amadurecimento	54-55
5.2.1.	Como o Pequeno Grupo atua para o amadurecimento da igreja	55-57
5.2.2.	Que tipo de amadurecimento se dá na igreja a partir do Pequeno Grupo ...	57-59
6.	CONCLUSÃO.....	60
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

1. INTRODUÇÃO

O Senhor Jesus Cristo antes de ser elevado aos céus ordenou que a Sua santa igreja cumprisse com a sua missão na terra que é colocar, em prática, a Grande Comissão (Mt 28.19-20). A igreja primitiva exerceu com muita determinação e dedicação (At. 2.46), no decorrer dos anos onde muitos pastores têm se preocupado em levar a igreja a exercer a sua verdadeira missão para a qual foi chamada. Sendo assim, apresentaremos uma estratégia que tem dado certo desde o tempo da criação do mundo até a presente data, tem como tema: O Pequeno Grupo como base de crescimento e amadurecimento da Igreja na perspectiva Bíblica.

O Pequeno Grupo tem como modelo o crescimento e amadurecimento da Igreja local em pleno século XXI. Para entender a diferença entre as igrejas que adotam e as que não adotam esta visão, onde podemos identificar uma perspectiva bíblica de forma mais sólida? A igreja atualmente, aos poucos, entende a necessidade de trazer de volta a visão da igreja primitiva, dos templos e das casas. Foi com os cultos nas casas que iniciou as atividades de reuniões de Pequenos Grupos os quais se estendem até hoje (At. 2.46). Houve igrejas que iniciaram em uma pequena casa, que mais tarde se tornarão grandes igrejas. Diminuem as reuniões dos Pequenos Grupos, quando o templo está sendo construído, até que somente o templo seja referência de culto. Por que parar as reuniões, se é com elas que nascem as futuras igrejas? Por que não ampliar as reuniões, preparando líderes leigos para multiplicar os Pequenos Grupos? Como multiplicar e usar de forma organizada os Pequenos Grupos para o crescimento e amadurecimento da igreja local e seu desenvolvimento dentro da sociedade? Como motivar pastores, líderes, servos de Deus que não conseguem enxergar a estratégia de Deus, que é Bíblica, para ganharmos a nossa cidade para Cristo? Como formar líderes de Pequenos Grupos eficientes?

A igreja é uma das instituições que venceu e continua vencendo obstáculos que surgiram no decorrer dos séculos. Entendemos que os Pequenos Grupos servem como modelo de crescimento e amadurecimento para a igreja local dentro da perspectiva bíblica, tendo como texto e contexto as Sagradas Escrituras, que é e sempre será o poder de Deus para todos. Os Pequenos Grupos qualificam e preparam os membros da igreja, para exercerem os seus sacerdócios com eficiência e determinação. A metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica, usando-se para tal, fontes indicadas na ementa da disciplina e corroboradas pela direção da Faculdade.

Para levar a cabo este trabalho, ele foi dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo deste trabalho buscou-se definir as concepções dos Pequenos Grupos dentro do contexto e da perspectiva bíblica, trazendo à tona as definições e modelos bíblicos no Antigo e Novo Testamento, baseando na criação do mundo, no ministério de Moisés, sendo auxiliado pelo seu sogro Jetro, na vida de Jesus, na vida dos apóstolos e nos ensinamentos da igreja primitiva, a qual foi e sempre será um verdadeiro exemplo de submissão, lealdade e amor ao Senhor Jesus Cristo, e por outro lado a igreja primitiva viveu de fato e de verdade em

Pequenos Grupos reuniam-se de casa em casa, caindo na graça do povo e Deus acrescentava aqueles que iam sendo salvos. A igreja primitiva crescia em quantidade e qualidade.

No segundo capítulo é discutido a respeito da estrutura do Pequeno Grupo. Dando ênfase para as pessoas chaves do Pequeno Grupo como: O líder, sua função, seus objetivos, suas responsabilidades para com o Pequeno Grupo e a igreja local; o vice-líder dentro do contexto da multiplicação do Pequeno Grupo, de fato o DNA do Pequeno Grupo é o vice-líder, que assumirá a liderança do novo Pequeno Grupo, que surgirá no momento da multiplicação.

No segundo momento, mostra a importância do anfitrião e suas funções, os tipos de anfitriões e sua importância para a multiplicação do Pequeno Grupo, a forma de como ele trata os visitantes e os membros do Pequeno Grupo é a chave do sucesso para a multiplicação, para o crescimento e o amadurecimento do grupo; ainda é observado o supervisor de Pequenos Grupos e suas funções; as funções do superintendente; como também do pastor de área; surge o discipulador com as suas respectivas funções dentro do Pequeno Grupo e para com a Coordenação.

O terceiro capítulo enfatiza um assunto de grande relevância que é o funcionamento do Pequeno Grupo, no qual é mostrado da seguinte forma: Onde pode funcionar? A reunião do Pequeno Grupo não pode acontecer em qualquer lugar, pois os lugares mais apropriados são: Casas, escolas, hospitais, empresas etc., o Pequeno Grupo não pode e nem deve começar de qualquer maneira, temos que seguir alguns passos para começar. Trazendo à tona um tema de grande importância, que é estabelecer o alvo para obtermos sucesso, crescimento e amadurecimento, porém é primordial que seja estabelecido alvos há serem alcançados com muito trabalho, persistência, paciência e oração, estabelecendo pactos para que, de fato, o crescimento e o amadurecimento só aconteçam.

Observando ainda no terceiro capítulo a discussão da reunião do Pequeno Grupo e seu planejamento (de fato a reunião do Pequeno Grupo não pode ser realizado de qualquer forma, pois tem que ser muito bem planejada para se obter sucesso), e os seus estágios: Primeiro estágio – quebra-gelo; segundo estágio – adoração e o terceiro estágio – edificação (estudo da palavra), existe também o culto de celebração dos Pequenos Grupos (é o culto realizado na igreja-mãe, quando no momento todos os Pequenos Grupos se reúnem para adorar, cultuar e engrandecer o nome do bendito salvador, nosso Senhor Jesus Cristo).

Com base no quarto capítulo, veremos o Pequeno Grupo e suas implicações para a igreja local, como: Pequeno Grupo e o crescimento da igreja onde todos querem de fato, que a igreja local cresça, porém, não se pode crescer de maneira qualquer temos que crescer de forma organizada, o Pequeno Grupo habilita-nos a crescer de forma sólida e organizada; como Pequeno Grupo influi no crescimento? O perfil de uma igreja que cresce a partir de um Pequeno Grupo? Pequeno Grupo e amadurecimento, realmente todos querem ter uma igreja composta de membros maduros e aptos para cumprirem a grande comissão do Senhor Jesus? Como o Pequeno Grupo atua para o amadurecimento da igreja e que tipo de amadurecimento se dá na igreja a partir do Pequeno Grupo?

Na verdade a igreja só estará totalmente madura quando os seus membros estiverem aptos a cumprirem a Grande Comissão do Senhor Jesus que é Ganhar almas, discipular, consolidar e enviar, tornando cada membro um ministro e cada casa uma agência do Reino de Deus. Em pleno século XXI. Os cristãos devem estar compromissados com a prática da Grande Comissão que o Senhor Jesus Cristo ordenou para a Sua igreja.

Compreendemos que o amor incondicional, o perdão, a confiabilidade, o diálogo e o respeito, são as bases sólidas de uma família madura que sabe vencer os obstáculos e as dificuldades que surgem e hão de surgir no seio da mesma. É no Pequeno Grupo que podemos fortalecer e restaurar as famílias. Porém, uma família madura torna-se uma igreja madura e eficaz através do Pequeno Grupo.

Consideramos com toda convicção que tal pesquisa contribuirá bastante para a solução de tais problemas. Mesmo tendo a consciência que o inimigo número um da família e da igreja não desiste de atacar com todas as suas armas. Porém a igreja do Senhor Jesus Cristo só poderá ser vencedora, madura e eficaz através da família e do Pequeno Grupo. Teremos como modelo de crescimento e amadurecimento da igreja local o Pequeno Grupo, onde cada casa é uma extensão do reino de Deus e cada membro um ministro.

2. CONCEPÇÕES DO PEQUENO GRUPO

Trataremos de um tema de suma importância que são as concepções do pequeno grupo, desenvolvendo-se nos tópicos abaixo relacionados: a) As definições e os modelos bíblicos; b) Os quatro objetivos; c) Definição de célula biológica; d) O Pequeno Grupo no Antigo Testamento; e) O Pequeno Grupo no Novo Testamento; f) O Pequeno Grupo nos ensinamentos da igreja primitiva.

Tais tópicos nos darão uma visão ampla do Ministério (visão) do Pequeno Grupo, o mais importante e fundamental é a sua base bíblica.

2.1. Definições e modelos bíblicos de Pequeno Grupo

Dinamácia Moreira ressalta que o Pequeno Grupo é simplesmente uma miniatura da igreja, reunindo-se nas casas (At. 2. 46-47). Não existe algo tal como um ministério de grupos.¹ O Pequeno Grupo é um pouco de cada grupo e pode ser comparado a uma célula do nosso corpo. A célula não é um corpo todo, mas traz dentro de si todas as informações necessárias para gerar um corpo inteiro.

Um Pequeno Grupo tem a seguinte característica: O grupo busca ser uma comunidade cristã, onde todos se amam, tornando-se um só corpo. Esse sentido de comunidade cristã não pode ser degenerado, pois sem isso teremos reuniões impessoais e frias. O povo vem ouvir como quem não tem comunhão e acaba sendo apenas “frequentador”. Ainda afirma Dinamácia Moreira que, não se querem grupos grandes em número, descompromissados com o Corpo de Cristo e com a igreja local. Para ser uma comunidade cristã é preciso entender que o Pequeno Grupo é muito mais do que uma reunião semanal. Quando a concepção do grupo é limitada à reunião, então não se está envolvido em comunidade cristã. A vida em comunidade cristã existe fora dos cultos e das reuniões. O relacionamento é mais importante do que a reunião. E ela diz mais:

É no relacionamento que crescemos como servos, que aprendemos a viver a vida cristã, que somos supridos e também suprimos os outros em amor. Portanto surge a seguinte pergunta: O que o Pequeno Grupo visa?

1º) **A edificação dos crentes:** O objetivo do Pequeno Grupo é o cumprimento da grande comissão do Senhor Jesus Cristo (Mt 28. 19-20), dando ênfase principal ao evangelismo e a multiplicação, mas o objetivo específico da reunião do Pequeno Grupo é a edificação do crente.

2º) **Almeja a multiplicação** – Apesar de a reunião ser evangelística, todo o projeto final de edificação do grupo visa à multiplicação. Cristãos realmente edificados na Palavra são cristãos frutíferos;

3º) **Ter um lugar de reunião definido** – Um lugar de reunião definido produz no grupo um senso de identidade, constância e segurança. Não se pode produzir um ambiente familiar se nos reunimos a cada semana em um lugar diferente;

4º) **Se reúne regularmente** – Não basta de um lugar de reunião, é preciso que o grupo se reúna numa base regular, de preferência semanalmente;

5º) **É homogêneo** – A homogeneidade de um grupo é muito importante. Quando participamos de um grupo de que possui as mesmas características gerais peculiares a nós, sentimos-nos muito à

¹ MOREIRA, Dinamácia Faria Barbosa, Igreja em Células, Editora: Profetizando Vida, Belo Horizonte – MG, 2001, pp. 13 – 28.

vontade para compartilhar. Essa homogeneidade é produzida de duas formas. Em primeiro lugar: Ela é espontânea. Quando um cristão evangeliza, ele prioriza aquela pessoa do seu ciclo de amizade. Se ele é jovem, tenderá a evangelizar outro jovem; se é casado, vai procurar outro casado, e assim sucessivamente. Ainda que o Pequeno Grupo seja um lugar aberto para qualquer tipo de pessoa, a tendência é a homogeneidade. Em segundo lugar: Ela é orientada. O Pequeno Grupo é dividido de acordo com a faixa etária. Temos grupos de adolescentes, jovens, adultos e casados. Cada tipo de Pequeno Grupo possui um supervisor específico, que vai direcionar sua supervisão atendendo às necessidades daquele tipo de grupo. Os grupos homogêneos dão menos problemas, são mais frutíferos e produzem mais rapidamente um ambiente familiar.²

Concordo plenamente quando Dinamarcia Moreira na citação acima, quando ressalta que o Pequeno Grupo é uma miniatura da igreja-mãe e que, ao mesmo tempo, é uma comunidade cristã que vive em amor, sempre preocupado em suprir as necessidades um dos outros, tendo como lema At. 2. 46-47, e tendo como base os esteios do relacionamento, acima mencionados e os objetivos abaixo, que o Pequeno Grupo tem que ter, os quais nos levam a crescer como servos:

OS QUATRO OBJETIVOS DO PEQUENO GRUPO³

COMUNHÃO	Desenvolvimento de vida compartilhada, alvos comuns e aliança (pacto) mútua entre todos os membros.
EDIFICAÇÃO	O Pequeno Grupo oferece o ambiente para o crescimento espiritual, aprendizado prático e disciplina e amor.
EVANGELISMO	O Pequeno Grupo é o lugar onde inserimos novos membros. É onde alimentamos, guardamos e suprimos os novos irmãos.
SERVIÇO	Cada cristão é um ministro, e cada um recebeu um dom. No Pequeno Grupo os dons são exercitados para o serviço mútuo.

João Coimbra Filho afirma que: “Os Pequenos Grupos são tochas acesas, iluminando o mundo na dinâmica do Espírito Santo”.⁴ Já Josué Bengtson lembra que foi nos lares que Jesus ensinou que o campo é o mundo e este mundo começa na porta de cada lar (Mc 5.19). Os cristãos primitivos após a morte e ressurreição de Cristo pregavam de casa em casa (At. 20.20), e todos os cristãos têm esta oportunidade de começar em seu próprio lar.⁵

A parte do princípio bíblico da unidade expressada na oração sacerdotal de Jesus, o qual ensina a sua santa igreja a viver (Jo 17.20-23) – sendo que, podemos comparar este princípio Bíblico como uma visão de purê de batata, onde as batatas foram “amalgamadas” (ligação íntima), de tal forma que é impossível separar uma da outra. É necessário que a Igreja Local tenha esta visão para que haja unidade no corpo. A Igreja de Cristo não pode ser um saco de batatas, onde não existe unidade, mas apenas reunião. O Pequeno Grupo é o lugar

² Id.Ibid.

³ Id. Ibid.

⁴ FILHO, João Coimbra, Célula de Discipulado – Treinamento de Líderes, Edição – 1ª, Editora: Gráfica Vera, Belém/ Pará, 2012, p. 1.

⁵ BENGTON, Josué. Manual da Igreja em Células. [manual da Igreja do Evangelho Quadrangular, Belém-Pará, sem outras informações], p. 31. O Rev. Josué Bengtson foi o fundador da IEQ na Bahia e no Pará, um ex-metodista.

ideal onde se pode aprender a praticar a unidade. Ser “um” e ser “família de Deus” foram a expressão verdadeira da unidade do corpo de Cristo e na vida diária da igreja primitiva (At 2.42-46). ⁶ Assim, Bengtson afirma:

Essa unidade torna o Pequeno Grupo mais atraente e gostoso de participar. Esse princípio da unidade põe de fora a indiferença, os preconceitos, e outros sentimentos carais (Gl 5.19-21). No Pequeno Grupo vivemos o princípio da unanimidade (At 2.46). Unânime quer dizer “o que é do mesmo sentimento ou da mesma opinião, sem exceção”. Os discípulos eram unânimes quanto ao local das reuniões, no templo (grandes reuniões) para oração (At 3.1s, 12.12), para louvor (At 2.47), etc. Nos lares (pequenas reuniões) para ensino e pregação (At 2.42), para comunhão, etc. (Mc 2.1-12; Lc 19.5-10). Os discípulos devem ser unânimes quanto às opiniões (1 Co 1.10) e unânimes quanto ao viver (Fl 2.5, 3.17 e 1 Co 11.1, 2) e no lar demonstra simplicidade. Temos que deixar de ser complicados, cheios de desejos próprios e opiniões egoístas. Na unanimidade tem perseverança (At 2.42); milagres (v 43); amor (Vv 44, 45); forte relacionamento (v 46); simpatia do povo (v 47), e crescimento (v 47). Sem unidade não dá ou seja como saco de batatas não dá (At 2.42-47), é preciso descascar as batatas (Pv 28.13; Tg 5.16) necessita de água – a Palavra de Deus (Is 55.11) e fogo do Espírito Santo (Ef 5.19) e devemos estar bem juntos, amalgamar (At 2.44). Deixe-se trabalhar pelo Mestre. Jesus deseja tirar toda máscara, toda casca. Ele quer nos lapidar, nos esculpir, transformar a nova vida. Deixa a água divina te purificar, e o fogo do Espírito te aquecer. Unamo-nos espiritualmente para sermos instrumentos nas mãos do Senhor.⁷

Compreendo que a afirmação da metáfora do purê de batatas, e não como um saco de batatas que Josué Bengtson usa para ensinar sobre a unidade que os membros do Pequeno Grupo têm que ter. Pois desta forma se produzirá crescimento, comunhão, milagres, fortalecimento do grupo, não haverá esteios sem unidade (purê de batatas). O grupo cairá na simpatia do povo, haverá oração e o crescimento da igreja local que acontecerá de acordo com o mover do Espírito Santo de Deus.

Dinamácia Moreira frisa alguns grupos que não têm fundamentos bíblicos, os quais na verdade, não são Pequenos Grupos:

- 1) **Grupos de Oração** – estão ali buscando alguma bênção para si mesmo e não propriamente intercedendo pela igreja;
- 2) **Grupos de estudos bíblicos** – ele não estimula o compartilhar de necessidade e a verdadeira comunhão;
- 3) **Grupos de comunhão entre os crentes** – esse tipo de grupo procura um crescimento espiritual num ambiente fechado e exclusivista;
- 4) **Grupos de cura interior e de apoio** – eles usam técnicas modernas da psicologia e da psicoterapia que infelizmente não têm qualquer base bíblica;
- 5) **Pontos de pregação** – tais grupos têm como deficiência básica o fato de não compartilhar a realidade da vida do Corpo. As pessoas vêm e vão.⁸

De fato, muitas igrejas não tem tido sucesso com o Ministério (visão) de Pequenos Grupos por acharem que Pequenos Grupos são: grupos de oração; grupos de estudos bíblicos; grupos de comunhão entre os crentes; grupos de cura interior, de apoio e pontos de pregações. O Pequeno Grupo não é nenhum desses grupos acima mencionados, que a igreja local pode usar para executar a Grande Comissão de Jesus Cristo e preparar os seus membros para serem verdadeiros discípulos do Senhor Jesus, como veremos mais adiante.

⁶ Id. Ibid.

⁷ Id. Ibid.

⁸ MOREIRA, Dinamácia Faria Barbosa. Op. Cit, p. 13 – 14.

2.1.1. Definição de célula biológica

Priscila Laranjeira afirma que, biologicamente, a célula é a menor parte do corpo humano. No momento em que o óvulo (célula sem núcleo) é fecundado pelo espermatozóide (núcleo celular), de imediato há o surgimento de uma célula viva; ou seja, o óvulo torna-se um embrião, a célula mãe que se multiplicará em sequência matemática e de forma potencial, dando origem a um processo que culmina com a vida em toda a sua plenitude. O corpo humano tem cerca de 100 milhões de células!⁹

A célula é capaz de manifestar as propriedades de um ser vivo, ela é capaz de sintetizar seus componentes, de crescer e multiplicar-se. Todos os seres vivos são compostos desta unidade fundamental, desde as mais simples estruturas unicelulares (bactérias e protozoários) até os mais complexos (seres humanos e plantas).

Por todas as características e propriedades de uma célula, não deve nos causar espanto ou admiração o fato da palavra ter sido empregada para definir uma estratégia onde o esforço individual somado aos demais é essencial para o desenvolvimento, amadurecimento e crescimento da igreja local, de forma saudável. A terminologia não é tão importante quanto a ação.

Muitas igrejas denominaram o seu Pequeno Grupo de acordo com a realidade local: NEB – Núcleo de Estudo Bíblico, Grupos Familiares, Grupos de Crescimento, etc. A terminologia fica à escolha, mas o importante é usar esta estratégia divina para o crescimento e amadurecimento da igreja em pleno século XXI.¹⁰

Waldecir Magalhães confirma que olhando pelo lado espiritual, a célula é a menor parte da igreja (Corpo de Cristo).¹¹ Na opinião de David Kornfield, um Pequeno Grupo tem identidade e ambiente familiar, edifica espiritualmente seus membros e conquista novas vidas para Cristo Jesus. Identidade familiar diz respeito a possuir membros definidos e um compromisso de cuidado mútuo.

Ambiente familiar se refere a reuniões informais, onde todos se conhecem pelo nome, onde todos são motivados a participar e compartilhar suas vitórias e necessidades. Edifica espiritualmente seus membros é a forma pastoral do grupo, há uma cobertura espiritual de acompanhamento dos membros. Conquista novas vidas para Cristo é o aspecto evangelístico, o grupo tem uma meta de crescimento e um tempo para multiplicação.

Surge a pergunta: Para que trabalhamos com Pequenos Grupos?

1) **Ministrar ao Senhor** – O que somos e o que fazemos é para a glória de Deus (1 Co 10.31). Trazer todas as pessoas para celebrarem diante de Deus;

⁹ LARANJEIRA, Priscila Rodrigues Aguiar, Como Implantar, Desenvolver e Manter Grupos Pequenos Fortes e Saudáveis, Curitiba: A. D. Santos Editora, 2011, p.3.

¹⁰Id. Ibid, p. 3, 4.

¹¹ MAGALHÃES, Pr. Waldecir. Seminário de Células. Belém-Pará: Comunidade da Paz, 2011. Seminário realizado nos dias 17 a 20 de fevereiro de 2011.

- 2) **Ministrar à igreja** – Reunimo-nos para nos edificarmos na fé (At 2.42). É edificada a igreja através da Palavra, da oração, da comunhão, do louvor, etc.;
- 3) **Ministrar ao mundo** – Nossa missão é fazer discípulos (At 1.8). O discípulo gera compromisso missionário, evangelização, serviço e crescimento integral. (grifo meu).¹²

Percebo que é muito importante quando diversos autores acima mencionados comparam a célula do nosso corpo com o funcionamento e a multiplicação de um Pequeno Grupo da igreja local. A visão dos líderes dos Pequenos Grupos tem que ser a mesma. Se não houver multiplicação não tem como ganhar almas e, sendo assim, não há motivo e nem razão para o Pequeno Grupo existir, porque a igreja local não está cumprindo com a Grande Comissão do Senhor Jesus Cristo que é ganhar almas, discipulá-las, consolidá-las e enviá-las. Porém, isso acontece como resultado de um processo natural

2.2. O Pequeno Grupo na Bíblia

O ministério (visão) de Pequeno Grupo tem sua base sólida nos princípios bíblicos, os quais são inegociáveis, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento. O apóstolo Paulo frisa a importância e o valor das Sagradas Escrituras em 2º Timóteo 3.16-17 “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação em justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”.

2.2.1. O Pequeno Grupo no Antigo Testamento

Entendo que, dentro do contexto do Antigo Testamento a existência do Pequeno Grupo na criação do mundo em Gn 1.26; quando Moises aconselhava e orientava o povo de Israel, criando Pequenos Grupos para este fim, em Êx 18.13-27.

2.2.1.1. Na criação

A afirmação de Boaventura Kloppenburg é clara quando frisa que se pode dizer que o Pequeno Grupo na criação do mundo estava presente quando em Gêneses no capítulo primeiro, registra no plural a criação em Gn 1.26: “Façamos o homem à nossa imagem”. O texto confirma a divindade Pai, Filho e Espírito Santo envolvida no processo criativo do homem. Como a Palavra de Deus é enriquecida por metáforas, por que não afirmar que o

¹² KORNFIELD, David; ARAÚJO, Gedimar de. Implantando Grupos Familiares (Pequenos Grupos): estratégia de Crescimento segundo modelo da Igreja Primitiva. 3ª Ed. São Paulo: Sepal, 2002, p. 31ss.

processo de criação e formação da humanidade começa na unidade da trindade como um Pequeno Grupo.

Boaventura Kloppenburg no livro *Trindade: O amor em Deus*, mostra a forma apaixonante do agir da trindade na vida do homem desde a criação até a entrega do Seu Filho na cruz do calvário, mostrando quão grande é o amor do Deus para conosco. Veja esta citação, que Boaventura, confirma que norteia as missões divinas com o envio da trindade para a salvação da humanidade.

As missões se originam de um especial ato de amor dos três eternos Amantes para a humanidade. De fato os três Amantes não só fazem circular o amor entre eles, mas o derramam também para fora chamando ao ser outros amantes ou outras pessoas, espíritos inteligentes e livres, sensíveis ao amor e capazes de amar. Para que haja lugar às missões necessita-se de uma especial iniciativa agápica e um decreto especial que ultrapassem o plano da criação: as missões divinas pressupõem a elevação do gênero humano à ordem sobrenatural. As missões fazem parte do plano que os três divinos Amantes predispuseram para a humanidade. As missões supõem que entre os amantes finitos, como somos nós homens, se manifeste pessoalmente os mesmos Amantes infinitos da Trindade Divina.¹³

Realmente a missão amorosa da trindade divina é evidente desde a criação do mundo, do homem e de tudo que no mundo há, a qual se estende até aos dias atuais, é de suma relevância por entender que a trindade divina continua agindo de forma constante: 1) Deus (sustenta e governa o mundo); 2) Jesus Cristo (é o único e suficiente salvador do ser humano) e 3) Espírito Santo (é o único que tem o poder de convencer o homem do pecado e da morte eterna).

Compreendo que o amor incondicional da Trindade divina é constantemente demonstrado a todos os seres humanos. Sendo assim, concordo com a opinião de Boaventura Kloppenburg, referente á trindade divina.

Ed René Kivitz refere-se ao Pequeno Grupo como uma estrutura eficaz apresentada em toda a Bíblia. Ele faz a seguinte afirmação sobre a trindade “O primeiro versículo da Bíblia introduziu o tema. A própria natureza de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo é o maior testemunho sobre o Pequeno Grupo”.¹⁴

George Ladd tem a certeza que, único momento em toda a eternidade quando a Divindade se separou, foi quando o pecado do homem trouxe Jesus a este mundo para morrer na cruz por nós. Mostra Jesus clamando com medo real da morte, Ladd reconhece que a morte significa para Jesus o estar separado de Deus, entregue nas mãos do inimigo, mostrando o sentido da morte para todos os homens. Contudo Jesus, mesmo clamando por livramento pelo terror do cálice da ira de Deus, Ele estava pronto para cumprir sua missão. Assim ele narra a experiência da cruz com o grito de delírio de Jesus Cristo quando num completo abandono do Pai:

O segundo evento é o grito de delírio na cruz: “Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?” (Mt 15.34). Esta é, de fato, uma citação de Salmos 21.1, e certamente significa, pelo menos, que

¹³ KLOPPENBURG, Boaventura, *Trindade: O amor em Deus* – Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1999, p. 155.

¹⁴ KIVITZ, Ed René, *Koinonia Manual para líderes de Pequenos Grupos*, São Paulo, Editora: Abba, 1ª Edição no Brasil – 1994, p. 35.

Jesus é alguém que participa do sofrimento da humanidade. O ponto de vista que afirma ter Jesus experimentado um sentimento de completo abandono por parte do Pai é mais satisfatório. Ainda é possível que o peso do pecado do mundo, sua completa identificação com os pecadores, envolveu não meramente um sentimento, mas um real abandono da parte do seu Pai.¹⁵

Para Ladd, quando Deus observa Adão, o homem, em Gn 2.18. Deus diz que “não é bom que o homem esteja só”. Assim como um bebê recém-nascido necessita de amor e atenção de uma família para um desenvolvimento saudável, assim também um filho de Deus recém-nascido necessita de alimento que só um Pequeno Grupo atento, da família de uma igreja, pode dar.

Preocupa-me quando alguma estratégia de crescimento e amadurecimento da igreja local surge e não tem base bíblica, tem que ser rejeitado completamente. O Ministério (visão) de Pequenos Grupos tem a sua estrutura e base bíblica sólida para o crescimento e amadurecimento da igreja local. Os escritores Ed René Kivitz e George Ladd acertam quando o primeiro afirma que: “O primeiro versículo da Bíblia introduziu o tema. A própria natureza de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo é o maior testemunho sobre o Pequeno Grupo” e o segundo frisa que o segundo evento é o grito de delírio na cruz: “Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?” (Mt. 15.34).

2.2.1.2. Com Jetro

É relevante quando Ed René Kivitz disse que o pastor Moisés tinha que administrar uma grande multidão. Muitos eram os problemas que o mesmo tinha que resolver mas, através de Jetro, seu sogro, Deus o orientou a formar grupos de mil, cem, cinquenta e dez para facilitar a sua liderança. Significa que Moisés precisou de aproximadamente 78.600 líderes para dirigir todo este povo, conforme o registro de Êx 18.13-27. Moisés lutava só, julgando o justo e o injusto de cada litígio. Seu sogro, Jetro, observou que a carga era muito pesada para Moisés e lhe ensinou o princípio de delegar responsabilidades para suprir todas as necessidades do povo. Quando lemos com atenção a instrução de Jetro para Moisés, na referência de Êx 18.13-27, foi fundamental para o ministério de Moisés quando o mesmo diz: “procura dentre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam avareza; põe-nos sobre eles por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefe de dez”. Jetro sabia que não era qualquer pessoa que deveria ser levantada e, por isso, escolheu líderes treinados no caráter e diferenciados na responsabilidade, ou seja, líderes de mil, de cem, de cinquenta e de dez. Esta palavra repercute até hoje. Jetro foi o grande mentor e referencial dos Pequenos Grupos, como registra de forma introdutória Ed René Kivitz ao citar o Pequeno Grupo:

¹⁵ LADD, George Eldon, 1911 – 1984, Teologia do Novo Testamento/George Eldon Ladd: tradução de Darcy Dusilek e Jusana Marindir Pinto Simões Arias, 2ª Edição, Rio de Janeiro: JUERP, 1993, p. 180.

Esta é a hora de falarmos a respeito de Pequeno Grupo, Célula, Koinonia, Grupo Familiar, ou seja, lá como você queira se referir ao rebanho fracionado na comunhão da mesa, nas casas, e no serviço de todos os dias. Os Pequenos Grupos não nasceram ontem, existem desde a eternidade, passaram por Jetro e Moisés perduraram todo o período apostólico e chegaram a atualidade sem perder o seu vigor.¹⁶

2.2.1.3. O Pequeno Grupo no Novo Testamento

Posso confirmar sem nenhuma sombra de dúvida, que dentro do contexto do Novo Testamento também é relatado o Pequeno Grupo, envolvendo a vida e o ministério do Senhor Jesus Cristo, dos Seus discípulos, dos apóstolos e na vida da igreja primitiva, onde houve crescimento e amadurecimento.

Dinamácia Moreira afirma que a Igreja em Pequenos Grupos é falar do cristianismo primitivo quando observamos a vida de Jesus e as estratégias usadas para levar adiante o evangelho, notamos que, apesar de anunciar o evangelho a multidões, Jesus teve o cuidado de escolher apenas doze pessoas às quais ensinaria todas as coisas a elas, para que também proclamassem as Boas-Novas a todas as nações (Mt 28. 19-20). Ali começou o primeiro Pequeno Grupo, onde a vida de Jesus era o Seu ensino principal e só poderia ser vista de forma mais íntima por aqueles que se relacionavam diretamente com Ele, em um Pequeno Grupo.

Seu primeiro milagre se deu em uma casa, durante uma festa (a festa era para os mais íntimos), onde houve curas, milagres, ensinamentos, salvação, a maior parte se deu no seio dos lares. Vejamos alguns exemplos que servem como base bíblica para o Ministério (visão) de Pequenos Grupos.

2.3. Na Vida de Jesus Cristo

- a) **Cura da sogra de Pedro**, outras curas e libertações (Lc 4. 38-41; Mc 1. 29-34);
- b) **A ressurreição da filha de Jairo**, a cura dos dois cegos, a cura de um endemoninhado (Mt 9. 23-33);
- c) A cura do paralítico de Cafarnaum (Mc 2. 1-2);
- d) **A instituição da Santa Ceia do Senhor** e Suas lições de amor e de humildade (Mt 26. 17-29; Lc 22. 7-38 e Jo 13.1 a 14.31);
- e) O ensino à Marta, irmã de Maria (Lc 10. 38-42);

¹⁶ KIVITZ, Ed René, Op. Cit, p. 58.

f) **A salvação de Zaqueu e de sua família**, a parábola das dez virgens (Lc 19.1-27);

g) **A revelação dos discípulos de Emaús** – Os discípulos de Jesus foram enviados aos lares das vilas e cidades de Israel (Lc 24.28-31);

h) **A comissão dos doze** (Mt 10.1-15);

i) **A comissão dos setenta** – Os lares exerceram importância vital no cristianismo primitivo (Lc 10.5-12).

2.3.1. Na vida dos apóstolos

Seus discípulos não fizeram diferente aguardavam num cenáculo e, logo após a pregação de Pedro, reuniam-se de casa em casa diariamente (At 2.42, 46-47). E para quê? Para relacionar-se e aprender mutuamente com suas experiências e com o ensinamento da Palavra de Deus.

- 1) **A Igreja primitiva nasceu num lar**: A Igreja primitiva reunia-se habitualmente nos lares (At 1.1 a 2.241);
- 2) Havia comunhão diária de casa em casa (At 2.46-47);
- 3) Pregavam e ensinavam todos os dias de casa em casa (At 5.42);
- 4) **A casa de Cornélio** era usada para abrir a porta da pregação do evangelho aos gentios (At 10.1-48);
- 5) **A igreja se reunia na casa de Maria**, mãe de João Marcos (At 12.9-17);
- 6) A igreja que se reunia da casa de Lídia, em Filipos (At 16.40);
- 7) A Igreja que se reunia num cenáculo em Trôade (At 20.20);
- 8) **A casa de Felipe** é usada por Paulo (At 21.8-14);
- 9) Por dois anos Paulo faz de sua própria casa um local de pregação do Evangelho (At 28. 16, 23, 24, 30, 31);
- 10) Quatro Igrejas que se reuniam nas casas (Rm 16. 3-5, 14, 15, 23);
- 11) Igreja reunida na **casa de Áquila e Priscila** (I Co 16.19);
- 12) A Igreja hospedada por Níffa (Cl 4.15);
- 13) A Igreja na **casa de Filemom** (Fl 1-3) e
- 14) A igreja na **escola de Tirano** – Paulo usou, também, as dependências de uma escola (At 19.8-12).

Não seria possível construir um grande prédio para aglomerar três mil pessoas (sabemos que era bem mais) da noite para o dia (At 2.41). No entanto, as casas dos irmãos acolheram a todos. A Palavra não diz que Pedro os pastoreou. Quem então o fez? Cada cristão cuidava um do outro e estavam juntos (At 2.42,44-47). Por isso, falar de Igreja em Pequeno Grupo hoje é falar de vida, do ensino e do ministério de Jesus e de seus apóstolos. E todos os que são Seus discípulos farão o mesmo:

- a) Farão parte de um Grupo Pequeno para aprenderem a relacionar-se;
- b) Sairão a pregar evangelizando;
- c) Abrirão suas casas para receber os seus irmãos, os novos na fé e os que estão sendo conquistados para Jesus;
- d) Cada cristão sabe que tem um caminho a percorrer: 1º) receber (a Palavra); 2º) aprender (a Palavra); 3º) amadurecer (na Palavra); 4º) dar (a Palavra);

e) Cada cristão se torna consciente de que: “cada casa é uma igreja, cada cristão é um ministro”.

Liderar um grupo de pessoas, não é apenas levar adiante todo o ministério que Jesus Cristo nos confiou, é preciso o cristão ser treinado (discipulado) e se tornar um líder de Pequeno Grupo, estando disposto a se envolver em todo o aspecto do Ministério (visão).

- a) Ganhar, edificar, discipular, treinar e enviar;
- b) Estar disposto a dar a “própria vida”. Estar disposto a colocar nas mãos do Senhor tudo o que Ele tem nos dado: talento, bens, recursos, tempo – sempre o que Ele pedir.¹⁷

Observei que realmente o Novo Testamento é repleto de textos bíblicos, que relatam a existência de Pequenos Grupos, tanto no decorrer do ministério do Senhor Jesus Cristo como na vida dos seus apóstolos, e na vida de vários personagens bíblicos. Esta estratégia deve continuar até a volta do Senhor Jesus.

Conforme a opinião de David Kornfield, a Igreja em Pequeno Grupo é a volta da prática da Igreja Primitiva, onde os lares também realizam grandes celebrações, colocando em prática a Grande Comissão de Jesus (Mt 28. 19-20). Estando engajado no ministério (visão) do Pequeno Grupo, não é apenas ter um “ministério” ou “atividade” á participar. Muitas igrejas tem tido dificuldades em levar adiante o alvo de uma igreja em Pequeno Grupo, porque não assimilam toda a visão e consideram “mais um” o ministério ou/um departamento da sua igreja, onde todos os departamentos disputam com o Pequeno Grupo que não é devidamente valorizado.

Nas igrejas ao redor do mundo onde o trabalho com o Pequeno Grupo tem sido a visão da igreja, todos os membros respiram o Pequeno Grupo. Estas não só têm sido bem-sucedidas, como estão sendo destacadas junto às maiores igrejas do mundo:

- a) **Coréia do Sul** – Igreja do Evangelho Pleno do Pr. Cho, com mais de 1 milhão de membros;
- b) **Colômbia** – Igreja Missão Carismática;
- c) **China** – A média das igrejas é de 400 mil membros.¹⁸

David Kornfield confirma que as reuniões são apenas nas casas, por causa das perseguições. As igrejas primitivas entre tantas outras, tem o Pequeno Grupo como um princípio que faz toda a diferença no cumprimento da Grande Comissão (Mt 28. 19-20).

A igreja do Novo Testamento é comparada a um corpo (*I Co 12. 12-17*). Em um corpo, a principal característica é a união dos membros expressando vida. Ter um amontoado de membros em nossas reuniões não faz da igreja um corpo. É preciso que se esteja vinculado, ligado um ao outro. Muitas igrejas se tornam organizações, mas Deus quer edificar um organismo. Uma organização consegue juntar os membros que se reúnem em bancos enfileirados. Não tem conhecimento mútuo; no corpo, não se pode estar ligado a todos, mas quando não se está ligado a ninguém não se pode dizer que se está no corpo de maneira prática. Onde não há vínculo não há vida. Há uma interdependência do corpo físico; assim,

¹⁷ MOREIRA, Dinamácia Faria Barbosa, Op. Cit, p. 13-15.

¹⁸ KORNFIELD, David Araújo, Op. Cit, pp. 31ss.

coração e pé, embora não estejam diretamente ligados, trabalham juntos para o bem completo do corpo. É assim também no corpo de Cristo. Seus discípulos trabalham como membros que, embora nem sempre tenham uma ligação direta, trabalham para o perfeito funcionamento do corpo, colaborando em harmonia para o êxito desse trabalho que é conduzido pela Cabeça do Corpo – Jesus.

O Pequeno Grupo não é um ministério que toma uma parte da nossa vida. Mas com a vida centrada em Cristo, tudo o que se faz é feito em função de cumprir o Ide de Jesus. É o corpo de Cristo em ação, não alguns especialistas fazendo todo o trabalho. O Pequeno Grupo não é apenas mais uma estratégia, mas, de fato, a visão da igreja.

Segundo David Kornfield, e Gedimar de Araújo, sabe-se que, para isso, os valores hoje estabelecidos não estão de acordo com os ensinados pelo Senhor Jesus. Muitas foram as mudanças. É necessário voltar a rever esses valores, e, mais do que uma mudança da mente, são necessárias mudanças nos corações. O quadro é bem ilustrador disto:

ORGANIZAÇÃO	ORGANISMO
Importa o que você sabe	Importa o que você é
A autoridade é baseada no título	A autoridade é baseada na vida
Os membros têm cargos	Os membros têm funções
Os membros trabalham por obrigação	Os membros trabalham por encargo
Os membros têm mandato	Os membros têm ministério
Os membros são uma equipe	Os membros são uma comunidade
É morte	É vivo

19

David Kornfield, quando afirma que o Pequeno Grupo é o retorno à igreja primitiva, cumpre-se assim a Grande Comissão que o Senhor Jesus Cristo ordenou para que a igreja exercesse o evangelho segundo Mt 28.19-20: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século. Conforme este texto, a igreja local foi constituída pelo Senhor Jesus Cristo para ganhar almas e discipular, consolidar e adorá-lo em espírito e em verdade.

Charles Ryrie confirma que ao analisar o Ministério (visão) de Pequeno Grupo na igreja primitiva e na vida dos apóstolos, encontram-se vários textos bíblicos que nos ajudam a compreender o papel da igreja no aspecto que diz respeito a sua função no mundo. Pois o Senhor Jesus, antes de ser elevado aos céus, deixou a Grande Comissão com intuito de impulsionar seus apóstolos e discípulos a implantar o reino de Deus na terra (Mt 28.17-20).

E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. E, chegando-se Jesus, falou-lhe, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.²⁰

¹⁹ Id. Ibid.

²⁰ RYRIE. Charles Caldwell, A Bíblia Anotada, Versão Almeida Revista e Atualizada, Editora Mundo Cristão, 1ª Edição, 1991, p 232.

Cremos sem medo de errar que o Senhor Jesus Cristo ordenou a Grande Comissão para os seus discípulos, onde Ele estava preocupado com a evangelização da humanidade e que a sua igreja deverá continuar a exercer a evangelização até a Sua volta. A única razão pela qual o Senhor Jesus instituiu a igreja aqui na terra, é para cumprir a Sua Grande Comissão, cultuá-lo e adorá-lo em Espírito, e em verdade.

Já Reinhard Bonnke afirma que a igreja primitiva foi muito consciente acerca da Grande Comissão, os apóstolos e o povo em geral, nos primeiros anos do cristianismo se lançaram à conquista e ao discipulado das nações. Eles foram efetivos, em cumprir a ordem do Senhor dada depois da sua ressurreição em Mc 16.20. “E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com ele e o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram. Amém”.

Grande Comissão se perdeu após o século IV, e seu retorno com Martinho Lutero veio acompanhado de massacres de indígenas e escravos na colonização. Contudo, foi início, mas ficou longe de ser o compromisso da Grande Comissão. Chegou o tempo da renovação, do cumprimento do Ide de Jesus Cristo. A igreja volta a ser novamente a igreja dos templos e das casas. Pode-se então que, como afirma Bonnke que, a Grande Comissão não é uma sugestão para a nossa consideração, mas um recrutamento e, sendo assim, não é apenas para irmos, só por irmos, mas porque fomos enviados por Jesus.

A Grande Comissão é um “*recrutamento*” e não uma sugestão para a nossa consideração, de fato, a ordem de Cristo é muito mais do que isso. Jesus nos transformou em testemunhas. Ele muda a nossa natureza pelo Seu Espírito Santo que está em nós. Ele no disse: “*Testemunhe*”. Mas assim: “*Sedes Testemunhas!*” Foi uma palavra criativa. Deus disse “*Haja luz*” e a luz veio sobre nós. Ele então nos escolheu e nos fez portadores da luz.²¹

O Senhor Jesus Cristo, através da Grande Comissão, recrutou cristãos para testemunhar a mudança que o Espírito Santo fez em suas vidas, e continua fazendo até os dias atuais, salvando milhares de vidas. Na concepção de Ralf W. Neighbour em Atos 1.8, a Grande Comissão é novamente apresentada à igreja ampliando a visão apostólica até os confins da terra. No entanto, a igreja orava e completava os doze apóstolos com a eleição de Matias e cabe a interrogação porque não escolheu antes Matias ou José “o justo”, visto que os mesmos estavam desde o início com Jesus ou porque o número de doze discípulos.

Quanto a Matias, a Bíblia não dá nenhuma referência a mais sobre o ministério dele, mas sabemos que era temente e justo. Sabemos que após sua eleição e o completar da equipe de doze, o Espírito Santo desceu sobre a igreja habilitado-a para o cumprimento da sua missão. Onde na primeira pregação aos 120 discípulos de pentecostes se transformaram em uma comunidade de mais de três mil pessoas e depois cinco mil pessoas sendo consolidadas na comunhão do Pequeno Grupo nas casas. “Muitos, porém, dos que ouviram a palavra e creram e chegou o número desses homens a quase cinco mil” (At 4.4).

²¹ BONNKE, Reinhard. Evangelismo por fogo. Ed. David Lant, 2002, p. 73.

Para Neighbour a visão (o ministério) da igreja de Pequeno Grupo cada novo convertido é um líder em potencial. “Onde o seu alvo de conquista é o seu *oikos*, ou seja, aqueles que fazem parte do seu dia-a-dia”.²²

Quando Neighbour diz que a Grande Comissão é novamente apresentada à igreja, ampliando a visão apostólica até os confins da terra, tendo como base Atos 1.8 que diz: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra”. Temos que começar pelo nosso *oikos* (nossa casa/nossa família/pessoas que fazem parte do nosso dia-a-dia). E através do Pequeno Grupo podemos ir até os confins da terra, cumprindo assim a Grande Comissão ordenada pelo Senhor Jesus, a todos os cristãos.

²² NEIGHBOUR Jr Ralph W. *Where do we GO from here: A guidebook for the cell group church*. E agora? Para onde vamos? Um Manual para a Igreja em Células (Houston, TX: Touch Publication, 1990), p. 25.

3. ESTRUTURA DO PEQUENO GRUPO

Em relação ao Pequeno Grupo a grande relevância para o seu sucesso esta em ma boa estrutura e oração, até porque toda igreja com os seus respectivos grupos ou departamentos devem ser bem estruturados e planejados. No Pequeno Grupo não é diferente, ele também tem que ter uma boa estrutura e planejamento, de acordo com as diretrizes da igreja local. Nesta estrutura é composta dos seguintes pontos: a) porque implantar o Pequeno Grupo? b) o local; c) as pessoas chaves. Através de uma estrutura muito bem organizada e preparada, segundo os princípios bíblicos, Deus irá manifestar o Seu poder sobrenatural e o Ministério (a visão) de Pequeno Grupo terá grande sucesso alcançando os seus alvos, suas metas e os seus objetivos.

3.1. Porque implantar o Pequeno Grupo?

Priscila Laranjeira confirma que o Pequeno Grupo é uma grande estratégia para edificar a igreja e preparar os seus membros, para cada um ser um verdadeiro ministro e cada casa uma extensão do reino de Deus; mas é preciso que antes de uma implantação as igrejas definam quais os valores básicos que desejam alcançar. Se essa definição de valores não acontece, o risco de desilusão, frustração, fracasso e desistência será grande.

Antes de qualquer atitude é preciso muito tempo investido em oração; em consultas e conversas com a liderança e os membros da igreja. Impressionados com o grande e aparentemente fácil, crescimento das igrejas em Pequeno Grupo, muitos pastores e líderes decidem sozinhos “decretar” que a partir de data tal a igreja está em Pequeno Grupo ou célula. Este ponto de partida autoritário pode ser o detonador do fracasso. Declarar claramente qual é o propósito, de modo que cada pessoa saiba onde o Pequeno Grupo se enquadra na estratégia e na visão geral da igreja, é fator preponderante para iniciar o processo de implantação.

Mas por que implantar esta estratégia em igrejas históricas? Durante a Reforma Protestante, Martim Lutero e outros reformadores batalharam para que a Bíblia Sagrada fosse lida, conhecida e praticada. Eles lutaram para que a Escritura Sagrada fosse o único código de fé prática. Eles ousaram lutar contra o poder da Cúria Romana para defender a verdade que se achavam soterradas por crenças e dogmas que iam contra os ensinamentos bíblicos.

Em nossos dias a igreja que se reúne, semanalmente, nos lares, indica uma retomada aos primórdios da vida cristã quando, por um motivo ou por outro, as casas eram principal lugar de cultivar a Deus. Porém, surge a pergunta que não quer calar – Mas para quê encontros nos lares se temos templos? Para estabelecer e fortalecer vínculo de amizade, de união fraternal, para evangelismo por amizade, para pastoreio mútuo e para discipulado.

Laranjeira ressalta que, nos últimos 20 anos no Brasil, passamos de 16 milhões para 40 milhões de evangélicos. Recentes pesquisas afirmam que somos atualmente 30% da população Brasileira. Esse crescimento dos evangélicos, chamado de explosivo, infelizmente não tem sido sentido na sociedade.

Há 30 anos, quando alguém dizia professar a fé evangélica, isso fazia a diferença. Ser cristão evangélico queria dizer algo. Ser cristão era sinônimo de seriedade, honestidade e de bom caráter. De lá pra cá muita coisa mudou e não foi para melhor. A explosão dos evangélicos fez com que muita gente se declarasse como tal, independente de ser ou praticar. As igrejas cresceram e esse verdadeiro “boom” ocasionou templos cheios, mas muitas pessoas sem conhecimento e sem profundidade na Palavra de Deus. Nesse momento, em todo o mundo, surge a visão do Pequeno Grupo como estratégia.

A implantação do Ministério (visão) de Pequeno Grupo deve acontecer porque as pessoas da igreja consideram o propósito de Pequeno Grupo uma maneira de uma pessoa interessada ligar-se aos outros. Outros ministérios são considerados maneiras igualmente válidas para o desenvolvimento de um relacionamento cristão realmente significativo, mas esta estratégia engloba uma série de outras, tais como o compartilhamento da Palavra de Deus, parceiros da oração, pastoreio mútuo, evangelismo por amizade, discipulado e relacionamento. A oração é de suma importância: ore muito, envolva outros nesse processo de oração e busca da vontade de Deus.²³

Quando Priscila Laranjeira confirma que o Pequeno Grupo é uma estratégia que foi usada por Jesus Cristo, pelos discípulos, pelos apóstolos, pela igreja primitiva para ganhar almas, discipular, consolidar os novos convertidos, e continua sendo usada até os dias atuais. Para que possamos ter um bom relacionamento, amor, união, paz, crescimento e amadurecimento entre irmãos, a missão e a razão da existência da igreja é ganhar almas e prestar culto, louvor e adoração, ao único e poderoso Deus, criador dos céus e da terra.

3.1.1. Onde o Pequeno Grupo pode funcionar

O Pequeno Grupo não se restringe às casas, ao contrário, devemos ver todos os lugares como locais para o Pequeno Grupo:

- 1) nas casas;
- 2) **no local de trabalho** – com o conhecimento e consentimento do responsável. Podemos abrir Pequeno Grupo após o expediente de trabalho ou no horário de almoço;
- 3) **na escola** – após as aulas, com o consentimento do diretor. No intervalo da aula, o tempo é muito restrito. O local só não pode ser nocivo ao grupo: um bar, por exemplo, é local de muita agitação, trânsito de pessoas. O líder deve procurar um lugar apropriado, reservado.²⁴

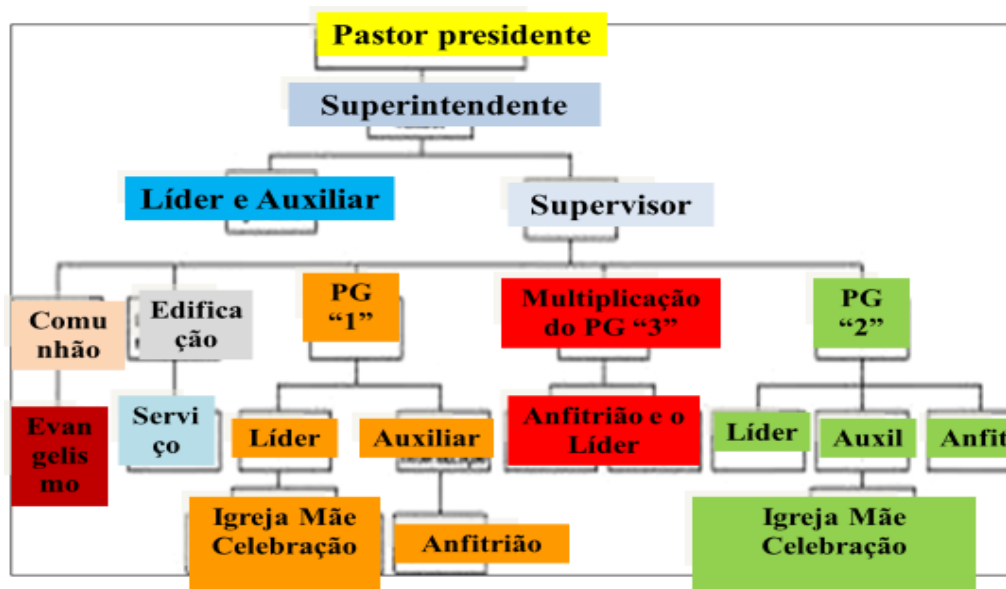
Os prováveis lugares onde o Pequeno Grupo pode funcionar com sucesso, é de suma importância. O Pequeno Grupo não pode e nem deve funcionar em lugar qualquer e de forma alheatória, como por exemplo: em um bar, em uma praça ou esquina etc.

²³ LARANJEIRA, Priscila Rodrigues Aguiar, Op. Cit, p. 4 – 6.

²⁴ MOREIRA, Dinamácia Faria Barbosa, Op. Cit, p. 79 – 80.

3.1.2. As pessoas chaves do Pequeno Grupo

Josué Bengtson apresenta dentro da estrutura do Pequeno Grupo, algumas pessoas chaves, as quais desempenham funções básicas e imprescindíveis para o funcionamento e sucesso do Pequeno Grupo.



3.1.3. O líder

É alguém que se converteu, foi ao encontro com Deus, fez a Escola de Líderes, tornou-se um líder preparado e que agora tem o seu próprio Pequeno Grupo. O líder de Pequeno Grupo é a figura que não precisa ter um alto nível cultural ou intelectual, e nem tão pouco ser um grande conhecedor das Sagradas Escrituras. Não precisa saber responder todas as perguntas sobre a Bíblia, nem ter uma retórica impecável. Todavia, deve apresentar as seguintes características:

- 1) **Ser cheio** do Espírito Santo; 2) Ser submisso; 3) **Ser aberto** ao ensino; 4) **Ser transparente**;
- 5) **Ser tratável**.²⁵

Josué Bengtson mencionou uma das principais pessoas chave do Pequeno Grupo que é o líder, com as suas respectivas características. Se o líder for escolhido de qualquer jeito, sem oração e preparo, com certeza o Pequeno Grupo não terá sucesso.

Já Priscila Laranjeira concorda com David Baron quando diz: “administradores são indivíduos que fazem certo as coisas e líderes, os que fazem as coisas certas. A diferença é que os primeiros são eficazes e o segundo são eficientes”.

²⁵ BENGTON, Rev. Josué. Op. Cit, p. 61.

Eis uma lista de cinco mitos a respeito de liderança, listados por Bennis e Nanus:

- a) Liderança é dom raro;
- b) Líderes já nascem feitos, não são feitos;
- c) Líderes são carismáticos;
- d) Só existe liderança nos escalões mais altos das organizações;
- f) O líder controla, dirige, estimula e manipula.

Esses pontos são claramente mitos porque para Deus só há um critério a ser considerado: coração disposto a dizer sim a Deus. É possível aprender a liderar e ensinar a liderança a outros. É possível ganhar a confiança e a cooperação dos liderados. É preciso inspirar e capacitar. É preciso delegar. E à medida que procedemos como verdadeiros líderes, a liderança deixa de ser um fardo e passa a ser um prazer, um privilégio, afinal estamos a serviço do dono de toda a criatividade e capacitação.

Priscila Laranjeira afirma que você não está sozinho. Deus é contigo! O líder é um facilitador. Sendo assim, age das seguintes formas:

- 1) **Cria** no Pequeno Grupo um ambiente descontraído e alegre;
- 2) **É criativo**, realiza eventos para integrar os que estão começando no grupo;
- 3) **Organiza** rodízio entre os membros do Pequeno Grupo, para ajudarem o (a) anfitrião (ã);
- 4) **Ora** diariamente pelos membros do Pequeno Grupo e por todos os eventos que envolva o grupo e a igreja mãe;
- 5) **Ensina** os adultos e as crianças a orar, preparando-os para serem intercessores;
- 6) **Delega** funções e responsabilidades para os membros do grupo;
- 7) **Dar** oportunidades para os membros do grupo.²⁶

Quando Priscila Laranjeira menciona com segurança a opinião de David Baron ao dizer: “... que os líderes são aqueles que fazem as coisas certas”, discordo de David Baron por entender que os líderes também cometem erros por serem seres humanos, sendo assim eles são falhos. Realmente o que os escritores “Bennis e Nanus” relatam dos cinco mitos, são apenas mitos. Deus prepara e capacita qualquer pessoa, para ser um grande líder usado em Suas mãos santas. A verdade é que o líder pode ser ensinado, preparado, capacitado e qualificado para exercer com sucesso a sua missão para o qual foi chamado.

3.2. A função do líder de Pequeno Grupo

Josué Bengtson frisa os Pré requisitos do líder de Pequeno Grupo: a) Aliança com a visão da igreja; b) Aliança com o seu Pastor; c) Vida consagrada; d) Prática diária de oração e leitura bíblica, jejum semanal; e) Ter sido batizado no Espírito Santo.

²⁶ LARANJEIRA, Priscila Rodrigues Aguiar, Op. Cit, p. 73 – 77.

3.2.1. Os objetivos do líder de Pequeno Grupo

Os objetivos principais que o líder deve ter no Pequeno Grupo:

- 1º) **a edificação dos irmãos**, levando cada membro do grupo a funcionar no corpo, providenciando para que seja suprido em amor, disciplina, alimento e proteção;
- 2º) deve levar o grupo à multiplicação, uma vez no ano;
- 3º) deve **trabalhar sempre com muita alegria**, diligência e motivação, lembrando que “no Senhor, o nosso trabalho não é vão”. Participamos de uma igreja que cumpre com a grande comissão do Senhor Jesus Cristo.

Quando falamos de um líder de Pequeno Grupo, devemos frisar também de suas “funções” e os seus respectivos “objetivos” para com o grupo, suas funções e os seus objetivos são irmãos gêmeos, os quais têm que andar juntos para que o líder obtenha sucesso.

3.2.2. As responsabilidades do líder de Pequeno Grupo

O líder do Pequeno Grupo, além de ser um servo temente a Deus e já ter passado pelo encontro com Deus, o mesmo deve ter algumas responsabilidades abaixo relacionados as quais o levarão a ter sucesso. Não existe sucesso em qualquer área de nossa vida se não houver responsabilidade.

- 1ª – **Estar** na reunião do Pequeno Grupo sempre com disposição e alegria;
- 2ª – **Planejar** junto com seus membros a reunião principal;
- 3ª – **Coordenar** o compartilhamento da Palavra com a participação de todos os membros do grupo;
- 4ª – **Resolver** todos os problemas de discórdia no grupo;
- 5ª – **Proporcionar** vínculo de comunhão no grupo;
- 6ª – **Entrar** em contato com os membros que faltaram na reunião, o mais rápido possível;
- 7ª – **Fazer** o apascentamento dos membros, semanalmente;
- 8ª – **Manter** contato com os membros e visitantes do grupo;
- 9ª – **Resolver** e comunicar imediatamente ao supervisor todos os casos de pecado dentro do grupo;
- 10ª – **Planejar** e realizar reuniões extras;
- 11ª – **Repassar** todos os avisos da semana;
- 12ª – **Participar** do projeto de oração e de reuniões previamente marcadas;
- 13ª – **Entregar** os relatórios semanalmente;
- 14ª – **Planejar** junto com o supervisor, a multiplicação do grupo;
- 15ª – **Manter** um ambiente calmo e descontraído no grupo;
- 16ª – **Organizar** a consolidação dos novos convertidos.

3.2.2. As responsabilidades do líder de Pequeno Grupo na igreja

Na seção acima vimos que Josué Bengtson apresentou dezesseis (16) responsabilidades para o líder de Pequeno Grupo, o qual está liderando. Agora veremos cinco responsabilidades que o líder deve ter para com a igreja mãe.

- 1ª – **Estar** sempre presente nas reuniões marcadas pelo Pastor;
- 2ª – **Ter** compromisso de estar presente nas reuniões de oração;
- 3ª – **Auxiliar** na ministração dos apelos;
- 4ª – **Ser padrão** nos dízimos e nas ofertas;

5ª – **Anotar e repassar** para o grupo todos os avisos da igreja.

3.2.3. Tipos de líderes a serem evitados

É ressaltado por Josué Bengtson que existe atitudes na vida de um líder que bloqueia o fluir de Deus no Pequeno Grupo e sua consequência quanto à multiplicação. Estas atitudes são contrárias à visão.

- a) **O monopolizador** – Não sabe treinar ninguém, prega, ora, dirige o louvor, faz o lanche e visita. **Seu lema** é: É melhor fazer do que ensinar;
- b) **O nominal** – É aquele que não faz nada e nem sabe se o Pequeno Grupo vai se multiplicar. Ele não conhece os membros de seu Pequeno Grupo. **Seu lema** é: Se eu me posicionar terei responsabilidades, e é o que eu menos quero;
- c) **O deprimido** – Ele não vale nada, não tem unção, não conhece nada e por isso nada vai dar certo. E **seu lema** é: Minha capacidade e não a unção de Deus é o que move o Pequeno Grupo;
- d) **O ansioso** – A pressão pela multiplicação, ao invés de produzir motivação nele tem produzido angústia. Ele se torna melancólico e inseguro. **Seu lema** é: Será que Deus faz mesmo o que diz que faz?
- e) **O “super star”** – Ele é a razão da unção, do crescimento e do êxito do Pequeno Grupo. Não precisa de supervisor; glória ao nome dele. **Seu lema** é: Sem mim este Pequeno Grupo não é nada;
- f) **O dependente** – Não tem criatividade, jamais se arrisca a ousar, será sempre uma criança. **Seu lema** é: Sem ser conduzido não vou a lugar nenhum;
- g) **O líder de Pequeno Grupo ideal** – Age como um maestro. Ele faz o Pequeno Grupo todo funcionar em harmonia. Ele é um facilitador e não um manipulador. **Seu alvo** é: Ver todos os membros funcionando. Ele trabalha para o reino e tributa toda glória ao Senhor. **Seu lema** é: “Eu sou um instrumento de Deus para a edificação do seu povo”.²⁷

Os tipos de líderes acima citados não levam o Pequeno Grupo a ter sucesso em alcançar os seus objetivos principais que são: “Ganhar almas, discipular, consolidar e enviar, e a multiplicação do Pequeno Grupo”.

3.2.4. As funções do vice-líder do Pequeno Grupo

Josué Bengtson atribui o valor e as funções do vice-líder que agora esta sendo treinado de forma prática pelo líder do Pequeno Grupo, para ser um novo líder, depois da multiplicação do grupo do qual faz parte. Ele caminha junto com o líder, onde será o seu virtual substituto. Todos os aspectos de caráter que se aplicam ao líder devem ser observados na vida do Timóteo durante o tempo em que estiver auxiliando o líder. Todo trabalho que o líder de Pequeno Grupo realizar, deverá ser feito junto com o seu Timóteo, que irá treiná-lo para fazer o mesmo depois, em outro Pequeno Grupo. Cada líder de Pequeno Grupo deve ter um Timóteo. Um Pequeno Grupo sem um Timóteo tem pouca chance de se multiplicar com saúde. O Timóteo é aquele que carrega o DNA (Características dos pais, no caso o líder de Pequeno Grupo) da visão, para que o próximo Pequeno Grupo mantenha a visão como foi

²⁷ BENGTON, Ver. Josué, Op. Cit, p. 65 – 68.

concebida.²⁸ Tenho a convicção, que se o vice-líder for treinado e preparado de forma errada para ser um líder, o futuro da multiplicação do Pequeno Grupo não terá o sucesso.

3.2.5. O anfitrião do Pequeno Grupo

Na opinião de Josué Bengtson, o anfitrião é aquele que recebe os irmãos na sua casa, com disposição e amor, para o bom funcionamento de um Pequeno Grupo. Ele pode receber o grupo por um tempo determinado (por exemplo, seis meses), ou pode ter o Pequeno Grupo na sua casa por tempo indeterminado. O que se espera dele é que seja hospitaleiro e receba bem os irmãos e os visitantes.

Um anfitrião pode receber mais de um Pequeno Grupo em sua casa em dias diferentes da semana. Também é normal haver um Pequeno Grupo de adultos e outra de crianças se reunindo simultaneamente na mesma casa. O ideal é termos grupos somente em casas onde, os dois cônjuges são cristãos. Entretanto, reconhecemos que há circunstâncias onde este padrão não pode ser seguido. Temos tido bons grupos, que funcionam em casas onde apenas um dos cônjuges é convertido. Se o não convertido não se opõe, podemos ter um Pequeno Grupo saudável em sua casa. O anfitrião tem duas funções básicas: 1ª) **receber bem** os irmãos; 2ª) **se envolver** na vida do grupo. O anfitrião é uma peça chave na multiplicação do Pequeno Grupo. Se as pessoas que forem a um Pequeno Grupo não se sentirem à vontade, aquele Pequeno Grupo jamais prosperará (se multiplicará)! Por isso, o anfitrião deve ser amável, hospitaleiro e receptivo, mantendo sempre um sorriso aberto para todos. É necessário também que ele evite a todo custo ausentar-se das reuniões. É desagradável ir a uma casa onde o dono não está presente.

Durante as reuniões de Pequeno Grupo, não deve ter televisão ligada na sala ao lado e nem outra reunião paralela (exceto o Pequeno Grupo de crianças). O anfitrião deve zelar para que nada atrapalhe o bom andamento da reunião. Isso só é possível quando o anfitrião entende que está desempenhando um ministério diante de Deus, e não meramente cedendo a sua casa para a reunião. Há anfitriões que entregam a sua casa, mas não participam do Pequeno Grupo. A questão aqui não é de formalidades, como cortesia e gentileza, mas de levar as pessoas a se sentirem parte da família. O anfitrião é a segunda pessoa mais importante na estrutura do Pequeno Grupo. O anfitrião é uma peça chave na multiplicação do Pequeno Grupo, no qual ele deve participar ativamente do mesmo, receber as pessoas com alegria e singeleza de coração em sua casa. Elas voltarão e trarão outras pessoas com elas, assim haverá a multiplicação e almas serão salvas. Caso contrário este grupo não terá sucesso.

3.3. As funções do anfitrião

A responsabilidade do anfitrião não termina em apenas ao receber o Pequeno Grupo em sua casa; Josué Bengtson apresenta nove (09) funções que o anfitrião deve e tem que exercer antes, durante e após o término do Pequeno Grupo em sua casa.

²⁸ Id. Ibid.

- 1 – **Receber bem** os membros do grupo, com alegria e satisfação;
- 2 – **Envolver-se na vida do grupo**, participando ativamente da reunião;
- 3 – **Preparar o ambiente** da reunião, com oração, desligando horas antes a televisão e organizar os assentos;
- 4 – **Prover lugar para reunião das crianças**, quando necessário, funcionando como Pequeno Grupo infantil;
- 5 – **Convidar vizinhos, parentes e amigos** para a reunião, não convidar membros de outra igreja;
- 6 – Zelar por um sadio relacionamento familiar e com os vizinhos;
- 7) **Participar do projeto de oração** e de reuniões previamente marcadas, assim como manter uma vida constante de oração, jejum, leitura da Palavra e santidade;
- 8) **Informar sempre ao líder sobre eventuais problemas** de abuso de liberdade na casa ou quaisquer prejuízos de ordem material causados pelos membros do Pequeno Grupo;
- 9) **Auxiliar e motivar**, juntamente com o líder, o surgimento de novos anfitriões.

Josué Bengtson espera que os anfitriões se comprometam de forma mais envolvente, não somente em receber com alegria e singeleza de coração os convidados em sua casa, procurando exercer as nove (09) funções de relevante importância para o relacionamento entre os membros para que haja sucesso do Pequeno Grupo.

3.3.1. Tipos de anfitrião

Como vivemos em sociedade, Deus em Sua eterna sapiência criou o homem com a capacidade própria de pensar, agir e tomar as suas próprias decisões. Por esta razão é que existem vários tipos de pessoas, assim sendo, o Ministério (visão) do Pequeno Grupo tem vários tipos de anfitriões, os quais Josué Bengtson apresenta-nos seis (06) tipos abaixo relacionados:

- 1º) **O indiferente** – Há alguns anfitriões que julgam que já fazem um grande favor em ceder a sua casa para um Pequeno Grupo. Não participam da reunião; não recebem as pessoas calorosamente; não se envolvem com a reunião e muito menos com os membros do Pequeno Grupo. Não são anfitriões, apenas cede a casa. Esse tipo está completamente fora da visão da igreja. Seu **lema** é: “já faço muito em liberar a casa para reunião”.
- 2º) **O falante** – Por ser muito falante ele não dá oportunidade para o líder e nem para os membros do Pequeno Grupo falarem, tende a monopolizar todas as atenções e comumente fala o que não deve, tomando-se inconveniente. Seu **lema** é: “a casa é minha, quem tem o direito de falar aqui, sou eu”.
- 3º) **O constrangedor** – É o tipo de anfitrião que não dá liberdade para o uso da casa. Ele restringe áreas essenciais e mostra descontentamento com incidentes durante as reuniões. O seu **lema** é: “eu cedi a minha casa, mas as minhas coisas não estão à disposição do Pequeno Grupo”.
- 4º) **O mal-humorado** – Não basta ceder a casa para o Pequeno Grupo, é preciso que o anfitrião seja hospitaleiro, receba bem as pessoas e tenha sempre um sorriso nos lábios. Se as pessoas sentem que estão incomodando elas nunca mais voltam ao Pequeno Grupo. Seu **Lema** é: “No mundo tereis aflições”.
- 5º) **O controlador** – Todos nós já brincamos de bola com alguém que era o dono da bola. Porque a bola, era dele ele ditava as normas. Às vezes acontece o mesmo com o anfitrião do Pequeno Grupo. Ele quer determinar todas as regras e definir tudo no grupo, porque é o dono da casa. Esse tipo de anfitrião impede a multiplicação do grupo. O seu **lema** é: “Ajoelhou tem que rezar”.
- 6º) **O anfitrião de Pequeno Grupo ideal** – É aquele que é gentil no acolhimento às pessoas, espontâneo nos relacionamentos, educado para dar orientações quanto ao uso da casa, paciente para tratar com incidentes e que participa ativa e intensamente da reunião do Pequeno Grupo. Seu **lema** é: “O Pequeno Grupo é a minha família”.

Entendo que quando Josué Bengtson relata os tipos existentes de anfitriões, onde temos bons e maus profissionais em todas as áreas, pois não é diferente quando nos referimos a anfitriões de Pequenos Grupos. Podemos sim, sermos bons anfitriões, servindo à Deus, como verdadeiros mordomos.

3.3.2. O supervisor de Pequenos Grupos

É ressaltado por Josué Bengtson que o supervisor é aquele que supervisiona uma quantidade “x” de Pequenos Grupos, de acordo com a sua capacidade e disponibilidade de tempo. A princípio ele pode supervisionar enquanto ainda lidera o seu próprio grupo. Supervisionar é a sua principal função: supervisionar os Pequenos Grupos e zelar pela visão, para que não se degenerem.²⁹

Os supervisores de Pequenos Grupos, também são pessoas chaves deste Ministério (visão) adotado pela igreja local. Para que a igreja cresça e amadureça, é preciso que tenham excelentes supervisores.

3.3.3. As funções do supervisor de pequenos grupos

A confirmação de Josué Bengtson quanto ao supervisor de Pequenos Grupos tem as suas responsabilidades como também as suas funções.

Já Dinamária Moreira menciona no seu livro – Manual de Pequenos Grupos vinte e uma funções que o supervisor deve exercer ao reunir-se com os seus líderes de Pequenos Grupos. Portanto veremos somente dez (10). Nesta reunião, ele tem que:

- 1) **Orientar** as lições que são ministradas (levando material, Xerox etc);
- 2) **Orar e louvar** juntos ao Senhor;
- 3) **Verificar tarefas** executadas – visitas etc.;
- 4) **Motivar**, lembrando quanto à vigília, encontros de líderes, treinamentos etc.;
- 5) **Estabelecer alvos** com os Pequenos Grupos: Que cada líder lhe passe os alvos dos seus Pequenos Grupos, como: a) Multiplicação do Pequeno Grupo; b) Alvos missionários; c) Campanha de visitação; d) Confraternização;
- 6) **Estar em contato** com seus discípulos individualmente de forma pessoal ou por telefone;
- 7) **Orar regularmente** todos os dias pelos seus discípulos;
- 8) **Certificar-se** de que todo líder está caminhando na “Escala de Sucesso”; Reunir-se informalmente com seus discípulos (para lazer, passeio, um almoço, caminhada e etc.);
- 9) Em caso de **detectar falhas**, falar separadamente (nunca na reunião) e amavelmente, “fazendo correção de rota” quando necessário;
- 10) **Ajudá-los a atingir seus alvos**, através de metas específicas. Exemplo:

Alvos	Metas específicas
Multiplicação	Conseguir nova casa para multiplicação;

²⁹ BENGTON, Rev. Josué. Op. Cit, p. 62 -65; 71 – 72.

	Gerar auxiliar; conscientizar o Pequeno Grupo
Visita	Ir junto quando necessário; dar orientação; levar ajuda (equipes da igreja)
Confraternização	Ajudar a organizar o programa; Ajudar a encontrar o local; participar com eles
Colheita-evangelismo	Dar sugestões de abordagens: do oikos – métodos e estratégias; incentivá-los aos treinamentos

Para que haja responsabilidades, primeiro tem que haver funções para serem exercidas com responsabilidades, Dinamácia Moreira apresentou dez (10) das vinte e uma (21) funções de um supervisor de Pequenos Grupos, os quais o levam a se comprometer de fato e de verdade com o Ministério (visão). Desta maneira, assim como as funções levam às responsabilidades, as responsabilidades levam ao sucesso.

3.3.4. O superintendente

É o líder que acompanha e assiste os supervisores. Ele cuida aproximadamente de 7 a 12 líderes. Sua função é bem semelhante à dos líderes, embora sua responsabilidade seja maior. Ele é como o “avô” dos líderes de Pequenos Grupos. Os aspectos de destaque:

- 1) **dá treinamentos** para novos líderes;
- 2) **ministrar** na Escola de Líderes;
- 3) **promover a consagração** de novos líderes e anfitriões;
- 4) **atender como conselheiro** às necessidades mais sérias do seu rebanho;
- 5) **está diretamente** ligado ao Pastor de Área;
- 6) **ter sob a sua responsabilidade** no mínimo de 30 Pequenos Grupos.

Da mesma forma que o líder é acompanhado pelo vice-líder, o superintendente acompanha, treina, discipula e ajuda um certo número de supervisores, para que os mesmos sempre estejam aptos a exercer as suas funções com responsabilidades e sucesso.

3.3.5. O pastor de área

Dinamácia Moreira observa que o Pastor de área está diretamente ligado ao Pastor-Presidente da igreja, e que ele presta conta de todo trabalho de sua área.

- a) **ele responde** pela grande área de Pequenos Grupos;
- b) **é responsável** por designar, nomeando, os novos líderes;
- c) **estabelece os alvos** com seus líderes, que deverão chegar até os Pequenos Grupos;
- d) promove treinamentos e conferências que fortaleçam a liderança;
- e) **é responsável pela organização dos encontros**, tanto dos cristãos como os não cristãos;
- f) **avaliar os relatórios** de prestação de contas: 1) relatórios de frequência dos Pequenos Grupos; 2) relatórios de consolidação; 3) relatórios das ofertas missionárias; 4) relatórios da preparação dos batismos; 5) relatórios dos encontros;

- g) reunir-se regularmente com seus líderes, em grupo e individualmente;
- h) **visitar as reuniões** de seus líderes e sempre está presente nos eventos promovidos por eles;
- i) **ministrar a Palavra de Deus** às suas vidas de forma bem enfática, pois reconhece a necessidade de passar a unção que chegará até as ovelhas dos Pequenos Grupos;
- j) **tem a responsabilidade** de aplicar a disciplina às ovelhas e aos líderes de sua área, quando se faz necessário, inclusive afastar da liderança quando preciso.

A tarefa do pastor de área é de suma importância para a estrutura e o sucesso do ministério do Pequeno Grupo, no qual está diretamente ligado ao pastor-presidente da igreja-mãe. Dinamária apresentou várias funções do pastor de área e que devem ser exercidas com bastante responsabilidade.

3.3.6. O discipulador de Pequeno Grupo

Todo líder tem que seguir o organograma da igreja local, onde o líder do Pequeno Grupo é acompanhado por um discipulador.

O discipulador desenvolve com o líder de Pequeno Grupo um relacionamento de pai e filho, onde o discípulo e o discipulador têm uma responsabilidade maior que a liderança de um Pequeno Grupo, pois estará cuidando de vários líderes (de 5 a 7 líderes). Abaixo encontra a citação de Dinamária Moreira:

- 1) No Pequeno Grupo **temos ovelhas**;
- 2) No grupo de líderes **temos os discípulos**;
- 3) **Às ovelhas** damos carinho, ensinamos, curamos as feridas, andamos juntos levando aos degraus do crescimento;
- 4) **Não fazemos exigências** de grande responsabilidade;
Quando uma ovelha chora, reclama, tentamos atendê-la visitando-a e procurando compreendê-la;
- 5) **A ovelha não lidera**, ela ainda precisa de “colo”, e nós lhe damos o colo;
- 6) **Já o discípulo**, o tratamento é diferente, pois ele já está mais amadurecido, “não chora à toa”, não fica reclamando, e, se o faz, procuramos corrigi-lo;
- 7) **Delegamos-lhe responsabilidade** e ele é fiel em prestar contas;
Ele caminha os degraus do crescimento com maturidade. Apontamos-lhe o caminho e ele vai sozinho;
- 8) **Ele tem relacionamento de amizade** e intimidade com o seu discipulador e andam juntos.

Dessa maneira, a função do discipulador é fundamental na estrutura do Pequeno Grupo, pois o líder bem acompanhado cuidará bem do seu Pequeno Grupo, gerará ovelhas sadias que virão a ser discípulos também. Salientamos que o discipulador de Pequeno Grupo é uma das pessoas chave que exerce uma função relevante junto a um determinado grupo de líderes, os quais estão sob a sua orientação e acompanhamento.

3.4. As funções do discipulador

O discipulador é alguém que gerou discípulos, ou seja, foi um líder que levou suas ovelhas a crescer, a ser treinadas e a começar seus Pequenos Grupos ou assumir multiplicação

do Pequeno Grupo-Mãe. Dessa maneira, ele agora se reúne com seus discípulos separadamente do Pequeno Grupo, pois o “alimento” para esses agora é outro.

Percebe-se que o discipulador não somente gera discípulos, como também os alimenta, cuida, treina, discipula, aconselha, ama, e trabalha junto, e tudo isto é feito de forma separada.

3.4.1. As funções do discipulador com a coordenação

O discipulador tem responsabilidades e funções para com os seus discípulos, portanto tem as suas funções também para com a coordenação junto à Igreja-Mãe, onde Dinamária apresenta cinco (05) funções básicas para ser um bom discipulador:

- 1) **Reunir-se regularmente**, seja semanal ou quinzenalmente com seu líder;
- 2) Quando não puder ir à reunião, enviar o auxiliar comunicando com antecedência;
- 3) **Receber e acatar as orientações** da liderança com fidelidade;
- 4) Respeitar, honrar a hierarquia da liderança estabelecida pela igreja;
- 5) **Comparecer aos encontros** e palestra quando convocado pela coordenação.³⁰

As funções do discipulador para com a coordenação têm que ser exercidas com responsabilidades e lealdade e faz parte da estrutura do Pequeno Grupo e são de suma importância para o crescimento e amadurecimento dos seus membros.

4. FUNCIONAMENTO DO PEQUENO GRUPO

Veremos abaixo o passo a passo, de como e quando podemos começar um Pequeno Grupo, e de que forma o mesmo poderá obter sucesso, não podemos começar um Pequeno Grupo de qualquer forma. Tem que haver oração, preparação e compromisso com o Ministério (a visão).

4.1. Passos para começar um Pequeno Grupo

É importante que os líderes da Igreja-Mãe, sigam alguns passos antes de começar um Pequeno Grupo na casa de um irmão, na escola, na empresa ou em qualquer outro lugar.

Vejamos cinco (05) passos relevantes, que Josué Bengtson apresenta, os quais os líderes devem observar:

- 1 – **O pastor deve escolher os possíveis líderes** do Pequeno Grupo para começar o treinamento;
- 2 – **Depois de quatro a oito semanas de treinamento** peça ao líder para escolher dentre os irmãos da igreja o seu Timóteo (auxiliar);
- 3 – **Continuar o treinamento e escolha um domingo** para fazer apelo aos irmãos que desejarem tornar-se um anfitrião, oferecendo suas casas para o trabalho do Pequeno Grupo;

³⁰ MOREIRA, Dinamária Faria Barbosa, Op. Cit, p. 81 – 86.

- 4 – **Pedir ao líder que forme o seu Pequeno Grupo**, buscando na igreja irmãos para se integrarem na mesma, formando assim um Pequeno Grupo de cinco (5) componentes;
 – Fazer uma festa de consagração dos Pequenos Grupos e comece o trabalho. (Grifo meu)

4.1.2. Convergindo expectativas

É salientado por Josué Bengtson que, ao iniciar-se um Pequeno Grupo, logo na primeira reunião, o líder deve explicar aos membros o seguinte: a) O que é, e **como funciona um Pequeno Grupo**; b) Cada membro precisa saber **qual é a dinâmica da reunião** e o que se espera dele; c) Além disso, é bom **esclarecer-lhes sobre o que não é um Pequeno Grupo**, para que ninguém ter expectativas erradas.

É importante que o líder venha suprir as expectativas dos membros do Pequeno Grupo, explicando como funciona e qual é a dinâmica do grupo, vale salientar o que não é um Pequeno Grupo.

4.1.3. Estabelecendo o alvo

O líder do Pequeno Grupo deve trabalhar com o seu grupo estabelecendo metas, alvos, objetivos, sem os quais jamais chegará à multiplicação que é o seu objetivo chave. Por esta razão que é ressaltado que nas reuniões, o líder deve expor de forma bem clara os quatro objetivos do Pequeno Grupo: 1º) **Comunhão**; 2º) **Edificação**; 3º) **Serviço** e, 4º) **Multiplicação**.

Deve ser definida a data da multiplicação do grupo. Quando os membros do Pequeno Grupo são previamente informados sobre os objetivos, uma das duas coisas acontece: eles se comprometem e se motivam mais ou abandonam o grupo.

4.1.4. Estabelecendo os pactos no Pequeno Grupo

Para haver crescimento em quantidade e qualidade de forma mais sólida e eficaz, em qualquer Pequeno Grupo é necessário que haja compromisso, responsabilidade, seriedade, companherismo, confiança, amor e união entre os membros do grupo, para que isso aconteça tem que haver pactos (alianças) entre os mesmos. Por esta razão é que Josué Bengtson defende a tese de que o crescimento espiritual do Pequeno Grupo depende de três coisas: 1) **Compromisso**; 2) **Relacionamento**; 3) **Disciplina**.

Sem compromisso e pacto (aliança) não podemos edificar verdadeiramente a igreja. Sem compromisso mútuo, o Pequeno Grupo não pode existir. Mostramos o nosso compromisso com Deus, quando temos compromisso com os nossos irmãos.

Os pactos devem ser firmados na quarta reunião e lembrados, pelo líder.

- a) **O pacto de amor incondicional** (Cl 3.4-15) – “Eu escolho amar vocês, edificá-los e aceitá-los, não importa o que digam ou façam. Eu escolho amá-los do jeito que vocês são. Nada do que fizeram ou venham a fazer, poderá me impedir de amá-los. Posso não concordar com suas ações, mas vou amá-los como pessoas e fazer tudo para suportá-los, na força do amor de Deus que habita em mim”;
- b) **O pacto da honestidade** (Ef 4.15, 25-32) – “Eu não vou esconder como me sinto a respeito de vocês. Contudo, pelo Espírito Santo, procurarei conversar francamente com vocês, de modo amoroso e perdoador; para que as nossas frustrações mútuas não se transformem em amargura. Comprometo-me a ser sincero e honesto com vocês, pois sei que, quando falamos a verdade em amor, é que crescemos em tudo, naquele que é a cabeça Cristo”;
- d) **O pacto da oração** (II Tss 1.11,12) – “Eu faço um pacto de orar regularmente por vocês, pois creio que é isto que o nosso amado Pai deseja; que oremos uns pelos outros, para que todos sejam supridos em suas necessidades. Participarei ativamente de quaisquer circunstâncias pelas quais vocês estejam passando, ajudando cada um a levar o seu fardo”;
- h) **O pacto da prestação de contas** (Ez 3.16-21; Mt 18.12-20) – “Dou a vocês o direito de questionar-me, confrontar-me e desafiar-me em amor quando eu estiver falhando em relação à vida com Deus, à minha família e ao meu crescimento espiritual (oração, estudo da Palavra Santa, etc). Confio que vocês serão guiados pelo Espírito Santo, quando assim o fizerem. Preciso de sua correção e repreensão, de modo a aperfeiçoar meu ministério, dado por Deus, no meio de vocês. Faço o pacto de não reagir!”;
- i) **O pacto da assiduidade** (Lc 9.57-62) – “Não entristecerei o Espírito Santo, nem impedirei o seu trabalho na vida dos meus irmãos, por minha ausência às reuniões, exceto em caso de emergência. Somente com a permissão dele, em oração, considerarei a ausência uma possibilidade. Se estiver impossibilitado de comparecer, comunicarei para que todos os membros do grupo saibam o que está acontecendo, para que possamos orar por mim e não tenham maiores preocupações comigo”;
- j) **O pacto da multiplicação** (Mt 25.31-46) – “Darei o máximo de mim para trazer dois ou mais visitantes durante cada mês para o meu Pequeno Grupo. Quero fazê-lo em nome de Jesus, para que outras pessoas sejam adicionadas ao reino de Deus, por amor a Ele”.

4.1.5. Como guarda a visão do Pequeno Grupo

Josué Bengtson pontua que cada líder é um guardião do Ministério (visão). Se desejarmos manter essa direção, precisamos ser radicais na prática de alguns valores como: Cada Pequeno Grupo existe para se multiplicar; todo líder deve fazer o curso de treinamento; todo auxiliar é um discípulo, cada casa uma extensão do reino de Deus e cada crente um ministro. Além desses, outros valores devem ser guardados e colocados aqui na forma de mandamentos para que sejam ainda mais reforçados.

Os mandamentos que protegem a visão:

- 1º) **O Pequeno Grupo é a base da Igreja** – O Pequeno Grupo não é somente uma parte da vida da igreja, nem pode ser confundida com dezenas de outras organizações. *O Pequeno Grupo é a vida da igreja*; logo, quando ela existe apropriadamente, todas as outras estruturas tornam-se desnecessárias e inválidas;
- 2º) **Não permitiremos que um Pequeno Grupo com mais de quinze (15) pessoas sem se multiplicar** – A tendência de um Pequeno Grupo que não se multiplica é a estagnação. A assiduidade cai, pois já há como todos participarem do compartilhamento. A reunião tornar-se

muita parecida com o culto de domingo. Já não há um apascentamento adequado e os membros ficam acomodados;

3º) **Não permitiremos que um Pequeno Grupo fique sem se multiplicar** – Faremos tudo ao nosso alcance para monitorar o crescimento do Pequeno Grupo. Se for preciso, trocaremos de anfitrião, mudaremos de bairro e até inseriremos nela membros de outros grupos. E, se essas medidas forem ineficazes, o Pequeno Grupo será remanejado;

4º) **Não fecharemos o Pequeno Grupo** – Para nós, o fechamento ou encerramento de um Pequeno Grupo significa derrota. *Faremos tudo que for possível para salvar um Pequeno Grupo e levá-lo a se multiplicar*: capacitaremos o líder, mudaremos de casa, o anfitrião, o auxiliar e até o discipulador. Fechar um Pequeno Grupo é uma medida que não faz parte da nossa visão;

5º) **Não permitiremos um Pequeno Grupo sem líder auxiliar** – O líder auxiliar é o DNA do Pequeno Grupo. É ele que vai reproduzir exatamente o padrão do Pequeno Grupo. Se fizermos uma multiplicação, sem que um auxiliar tenha sido treinado, o DNA não será transferido. Conseqüentemente, o novo Pequeno Grupo poderá morrer, ou então reproduzir a visão de forma errada;

6º) **Não permitiremos que o único Pequeno Grupo se transforme em Congregação** – Uma congregação será formada por um grupo de Pequenos Grupos numa determinada região, mas nunca por um único que se recusou a multiplicar-se. Um Pequeno Grupo que se recusa a multiplicar é como um grão de mostarda que vira árvore – uma monstruosidade;

7º) **Não permitiremos atividades que concorram com o Pequeno Grupo** – No geral, as pessoas preferem os grandes eventos às reuniões do Pequeno Grupo. Apesar de considerarmos isto absolutamente natural, *não concordamos que outras atividades concorram (dispute) com as reuniões dos Pequenos Grupos*. É impossível conciliá-las;

8º) **Não permitiremos que um Pequeno Grupo fique sem supervisão** – Todo líder deve ter sobre si uma autoridade. Alguém que não admite estar debaixo de autoridade, também não está qualificado para exercer autoridade. Isto é proteção para o rebanho.³¹

Para alcançarmos os alvos e obtermos sucesso em qualquer área da nossa vida, é necessário guardar os sonhos, para que ninguém nos roube. Para que isso venha acontecer é necessário ter estratégias, pactos, mandamentos e sermos decididos naquilo que queremos. A mesma coisa acontece na proteção do Ministério (visão) do Pequeno Grupo.

4.2. A reunião do Pequeno Grupo e o seu planejamento

Dinamarcia Moreira ressalta que, o “líder” do Pequeno Grupo passa por treinamento que abrange os principais aspectos dos grupos. Ele está ligado a um “supervisor” (seu discipulador), que se reúne com mais quatro líderes e recebe as instruções para as suas reuniões. Nesse encontro com o supervisor, ele recebe o estudo a ser ministrado, as ênfases para aquela reunião, os avisos e os desafios. Geralmente o líder recebe as instruções para o “quebra-gelo”, “boas perguntas” referente à lição que leva o grupo a participar do estudo. Sugestões de cânticos, enfoque da igreja para oração. A fidelidade do líder a essas instruções são de importância relevante para o Pequeno Grupo fale a mesma linguagem, seguindo a orientação do Pastor-Presidente.

É preciso ter planejamento para alcançarmos as nossas metas, alvos e objetivos, sem planejamento antecipado, não teremos sucesso em nenhuma área da nossa vida e principalmente no Ministério (visão) do Pequeno Grupo.

³¹ BENGTON, Josué. Op. Cit, p. 77 – 84

4.2.1. Os estágios da reunião de Pequeno Grupo

Dinamarcia Moreira confirma que a razão de ser do Pequeno Grupo, está resumida em uma frase, é cumprir o maior de todos os mandamentos: “Amai-vos uns aos outros”. Amar uns aos outros dentro – O Pequeno Grupo precisa ministrar (edificação); Amar uns aos outros fora – O Pequeno Grupo precisa multiplicar-se (evangelização – Mt 28.19-20). Para cumprir sua missão, a reunião do Pequeno Grupo precisa estimular a interação e a abertura para o compartilhamento entre os membros. Adoração, estudo bíblico e comunhão são secundários. Interação e abertura entre os membros do Pequeno Grupo são cruciais para a sobrevivência. O Pequeno Grupo para dentro (Edificação) e para fora (Evangelismo). Ele procura ajudar no crescimento de cada membro para o ministério; contudo, o mais importante é estar se voltando para o evangelismo, a fim de levar Cristo às pessoas não alcançadas. As reuniões do Pequeno Grupo têm tempo, dia, hora e local definidos.

a) **Local definido** – a casa de um cristão, membro da igreja ou em processo de integração. Não abrimos Pequeno Grupo na casa de membros de outra igreja. O local é fixo. Há um cadastro central dos Pequenos Grupos, e as pessoas podem consultá-lo para saber o local mais perto de sua residência;

b) **Tempo determinado** – as reuniões duram cerca de noventa (90) minutos (1 hora e trinta minutos). O tempo é distribuído da seguinte maneira:

MOMENTO	TEMPO
Quebra gelo	10 a 15 minutos
Louvor e adoração	10 minutos
Estudo da Palavra e momento de oração, individualmente ou dois a dois	40 a 45 minutos
Desafios e avisos ministeriais e socais	20 a 25 minutos

Todos estes momentos são importantes. Encerra-se a reunião do Pequeno Grupo com um lanche simples, o que ajuda a interação dos membros do grupo.

A ordem, às vezes, pode até ser alterada, mas a reunião precisa alcançar os seguintes estágios:

Estágios da reunião	Dinâmica Espiritual	Dinâmica Emocional	Dinâmica da vida em grupo
Quebra-gelo Encontro	Pessoa para pessoa, você para mim	Construindo relacionamento	Conhecendo uns aos outros: contando sua história
Exaltação Adoração	Pessoa para Deus Nós para Deus	Fortalecimento Relacionamentos	Afirmação Resolvendo conflitos
Edificação Estudo da Palavra	Deus para a pessoa Deus para nós	Trabalhando Relacionamentos	Estabelecendo alvos: Comunidade
Desafios Ação–obra Evangelismo	Pessoa para pessoa Deus por meio de nós	Construindo novos relacionamentos	Alcançando outros: Multiplicação

4.2.2. Primeiro estágio – quebra-gelo

Dinamária Moreira frisa que é relevante observarmos que o quebra-gelo é de suma importância, principalmente quando o grupo é novo e as pessoas não se conhecem. Quando o Pequeno Grupo passa de quatro (4) reuniões, o quebra-gelo já ocorre informalmente, não havendo necessidade de aplicar nenhuma dinâmica, eles por si sós, se aproximam e se entrosam. O quebra-gelo deve ser feito como o primeiro acontecimento da reunião.

As pessoas ao chegarem, devem encontrar um ambiente informal e nada assustador. Quando as pessoas estão relaxadas um pouco e estão sentadas, o líder faz algumas perguntas. Isso lhe dá a oportunidade de falar.

As características do quebra-gelo:

- 1) **O quebra-gelo** não é um jogo;
- 2) **É uma atividade que ajuda a pessoa** a tirar a atenção de si mesma para se sentir à vontade com os outros;
- 3) **Cada pessoa fala** algo sobre um tópico pré-escolhido;
- 4) **Deve concentrar a atenção** de todos os participantes do Pequeno Grupo em um assunto central; **ajuda as pessoas a criarem um vínculo entre elas**, normalmente num nível superficial;
- 5) Ele somente **quebra a hesitação inicial** que cada pessoa presente tem falar abertamente;
- 6) O quebra-gelo **é extremamente valioso para o Pequeno Grupo** em que as pessoas estão começando a se conhecer, bem como para o Pequeno Grupo que as pessoas já estão juntos há muito tempo;
- 7) Ele **é somente uma ferramenta para ajudar** os membros do Pequeno Grupo a dar o primeiro passo na direção um do outro, quando não se vêem por vários dias;
- 8) O quebra-gelo **pode dar direção a toda uma reunião** do Pequeno Grupo.

Quebra-gelo	
Objetivo:	Interação: você para mim
Atividades:	Sucos e perguntas /
Dinâmicas	
Atmosfera:	Não ameaçadora
Duração:	Aproximadamente 10 –
15 minutos	

O estágio do quebra-gelo é importante para que haja um relacionamento mútuo entre os membros do Pequeno Grupo e para que os visitantes se sintam à vontade.

As perguntas de apresentação: As perguntas de apresentação têm sido usadas como quebra-gelo por centenas de pessoas para se conhecerem. Sempre é bom usá-las quando um novo Pequeno Grupo é formado. Elas podem ser repetidas com cada nova pessoa que visita seu grupo. Nenhuma das perguntas expõe em detalhes a intimidade da pessoa. É importante que todos respondam a uma pergunta antes de ir à próxima. Deixe cada pessoa no círculo responder quando chegar à vez dela. Como facilitador, faça a primeira pergunta e responda você mesmo em seguida. A sua resposta dará um tom para todos os outros. Se você for breve,

os outros serão breves. Se você responde longamente, os outros também o farão. Não gaste mais de um minuto por pessoa com cada pergunta. Exemplos de perguntas: a) Quantos irmãos você têm? b) Quem é a pessoa mais próxima de você? c) Quando foi que Deus Se tornou mais do que uma palavra para você?

A importância das boas perguntas:

- 1) As perguntas são uma das mais poderosas influências que existem numa discussão;
- 2) As perguntas podem estimular e aprofundar uma discussão ou até mudar totalmente o seu curso;
- 3) O exemplo de Cristo Jesus – Mc 8.27-29: a) “Quem dizem os homens que sou eu?” b) “Mas vós, quem dizeis que eu sou?”

Os propósitos das boas perguntas:

- 1) **criar** interesse;
- 2) **promover** a participação do grupo;
- 3) **testar** o conhecimento adquirido pelo aluno;
- 4) **contribuir** para o processo de aprendizado;
- 5) **trazer** o grupo de volta ao assunto;
- 6) **chegar** a conclusões;
- 7) **produzir** convicções;
- 8) **fazer aplicação** do conhecimento bíblico, resultado em mudança de vida.

Sem medo de errar, as perguntas devem ser feitas no decorrer da reunião do Pequeno Grupo, e têm como objetivo um relacionamento mútuo entre os membros do grupo, onde tais perguntas fazem parte do quebra-gelo.

4.2.3. O segundo estágio – adoração

Na opinião de Dinamércia Moreira o estágio da Adoração é uma parte extremamente importante da reunião. O foco agora se move das pessoas para o Senhor Jesus Cristo. O corpo que se reuniu reconhece agora Aquele que é o Cabeça. Se esse estágio for bem planejado e o líder estiver em comunhão íntima com o Espírito Santo, as pessoas vão perceber a presença e o poder do Senhor. Se não há músicos no grupo, podem ser usadas fitas ou alguém com voz forte pode liderar sem acompanhamento.

Adoração	
Objetivo:	Interação: nós para Deus
Atividade:	Louvor e adoração
Atmosfera:	Reverência e gratidão
Duração:	Aproximadamente 10 –
15 minutos	

No estágio do quebra-gelo, o foco se move de pessoa para pessoa, e agora no estágio da adoração move-se das pessoas para o Senhor Jesus Cristo. Este é um dos momentos mais importante da reunião.

4.2.4. Terceiro estágio – edificação (estudo da palavra)

O foco agora se move para as necessidades das pessoas presentes. As Sagradas Escrituras serão usadas nesse momento, a Bíblia é a ferramenta e o ponto central. O estudo é previamente preparado pela liderança da igreja, que ministra ao líder através do seu supervisor.

O líder desenvolve na reunião, expondo e fazendo “boas perguntas”, que levarão o grupo a participar. O líder é um “facilitador” e não um professor. O crescimento espiritual é alcançado com maior facilidade num grupo do que por meio de aconselhamento particular. O grupo eficaz não se dedica exclusivamente a falar nem somente a agir. Ele combina os dois elementos.

Em uma reunião de Pequeno Grupo, o líder não vai tentar passar uma grande carga de conhecimento bíblico novo. O alvo é que os membros do grupo descubram e apliquem verdades simples da Bíblia, ao refletir sobre as suas experiências pessoais. A incumbência do líder de Pequeno Grupo é usar o tema definido pela liderança da igreja e facilitar a discussão que abra as mentes e os corações das pessoas à voz de Cristo Jesus e ao Seu poder.

As características de um bom estudo:

- 1) **relaciona-se** com as coisas que estão acontecendo neste Pequeno Grupo; 2) deve **transmitir ânimo**, estímulo ou desafio; 3) pode **confrontar e corrigir** um modo vago de pensar sobre algum valor.

O bom estudo ministra em alguma necessidade:

O Pequeno Grupo é o lugar em que se dá apoio espiritual e emocional a cada membro. Nele a pessoa contribui com o seu envolvimento pessoal, não com os seus conhecimentos e informações. Para que cada pessoa se anime a fazer isso, é preciso que haja um ambiente de estima, aceitação e apóio.

O bom tema focaliza-se na vida, não nos conhecimentos – O trabalho eficaz do facilitador consiste em quatro partes:

- a) **Proporcione experiências** – Em vez de apresentar uma preleção ou lição, o líder pode ajudar o grupo a descobrir alguma coisa por meio de uma experiência. É esse o propósito da vida em Pequeno Grupo! As experiências podem assumir centenas de formas, das quais seria impossível fazer uma lista definitiva;
- b) **Receba o retorno (feedback) do grupo** – Pergunte ao grupo: “Que benefício você tiveram daquela nossa experiência?” ou: “Que conclusões a gente pode tirar daquilo que acabamos de ver?” Ajude o grupo a focalizar a atenção nos resultados das suas atividades;

c) **Tente resumir as conclusões do grupo** – O líder como o facilitador da discussão será o maior beneficiado disso. Será que algum preconceito ou visão parcial da situação afetou a maneira como você percebeu o que o grupo estava dizendo? ³²

ENSINAR: Oferece informações	FACILITAR: Proporciona experiência
Comunicação em leque: Vai e vem entre professor e aluno Aponta para conclusões lógicas Teste oral ou escrito de informação memorizada	Comunicação em círculo: O facilitador às vezes só observa Conclusões são descobertas Retorno (feedback) do grupo: Mudanças observadas nos valores do grupo

Para Dinamácia Moreira, a grande celebração e o encontro no Pequeno Grupo – O Pequeno Grupo não anula a grande reunião, a celebração. As duas precisam existir em harmonia. Uma sem a outra não é completa. Embora em alguns países não seja permitida a reunião em igrejas e o Pequeno Grupo seja secreto, como na China, por exemplo, a igreja não apenas sobrevive, mas é incomparável o seu crescimento. Contudo, a celebração com todo o povo da Igreja é de suma importância. Enquanto a reunião geral é para o cristão ouvir, a reunião do Pequeno Grupo é basicamente para ele falar. No culto de celebração, acontece o seguinte:

- a) Podemos **fazer um tipo de oração de concordância vital** para a conquista da cidade e a guerra espiritual;
- b) Podemos **dar um testemunho público** muito mais forte e impactante; e
- c) Podemos **ter uma ceia de todos os grupos**, testemunhando ao mundo natural e espiritual a nossa unidade em Cristo Jesus.

Dinamácia Moreira faz uma pergunta muitíssimo importante: O que é o culto de celebração?

- 1) **é um tempo apropriado para o evangelismo** de pessoas que não iriam ao Pequeno Grupo;
- 2) é o lugar de recebermos uma só visão; e
- 3) é o lugar de ensino doutrinário e diretivo ministrado pelos pastores.³³

O foco agora se move para as necessidades das pessoas presentes, as quais serão supridas através da ministração da Palavra de Deus, que é a única regra de fé e prática. Quando um bom estudo é ministrado pelo líder do Pequeno Grupo, que é um facilitador, não podemos perder o foco, este momento é um dos mais importantes, porque não dizer que a “adoração e a ministração (ensinamento) da Palavra de Deus”, são os momentos mais importantes da reunião.

³² MOREIRA, Dinamácia Faria Barbosa, Op. Cit, p. 31 – 40.

³³ MOREIRA, Dinamácia Faria Barbosa, Op. Cit, p. 29.

5. O PEQUENO GRUPO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A IGREJA LOCAL

Analisaremos as implicações que o Pequeno Grupo traz para a igreja local, pois é de relevante importância que a igreja perceba e avalie tais implicações com muito carinho, cuidado e acima de tudo com oração para que haja sucesso. O Ministério (visão) de Pequeno Grupo não pode ser implantado de qualquer jeito, pois suas implicações serão gratificantes e de enorme importância para o seu crescimento e amadurecimento da igreja local.

5.1. Pequeno Grupo e o crescimento

Priscila Laranjeira trata do crescimento da igreja local com saúde, através do Pequeno Grupo:

A maioria dos Pequenos Grupos cresce de maneira mais calorosa por meio do companheirismo, mais profundamente por meio do discipulado, mais forte por meio da adoração e do louvor a Deus e de uma vida de oração e fica mais numerosa por meio do evangelismo.

Quando o Pequeno Grupo cresce, a igreja local também cresce de forma madura.

A igreja de Atos 2 era capaz de vencer a perseguição, penetrar o mundo, preparar os santos, mudar a sociedade, adorar a Deus, edificar a si mesmo, treinar líderes. Mas como isto era possível? Com a presença de Cristo (At 2.17-21, 25-28).

Não é objetivo de uma igreja em Pequeno Grupo acabar com as celebrações nos templos. Por que uma igreja em franco “crescimento” pensaria em adotar o ministério de Pequeno Grupo? Porque as pessoas estão sedentas de Jesus e, quando se convertem precisam de algo mais. Após a conversão, apesar do nome em uma ficha, apesar de receber uma Bíblia, apesar de um eventual telefonema, apesar de ser convidado para participar de um determinado grupo de interesse (jovens, solteiros sozinhos, empresários, etc.), matricular-se e participar de uma classe de Escola Bíblica Dominical, ainda falta algo. O que falta? Relacionamentos significativos que são encontrados no Pequeno Grupo.³⁴

Percebo que só poderá ter de fato e de verdade “crescimento” na igreja do Senhor Jesus, quando há relacionamento acompanhado de integração entre os irmãos. O ministério de Pequeno Grupo produz duas bases que sustentam o “crescimento” da igreja local, que são: Relacionamento e integração.

³⁴ LARANJEIRA, Priscila Rodrigues Aguiar, Op. Cit, p. 60 – 66 .

Já Josué Bengtson salienta que a primeira ordem dada ao homem, na criação, foi para crescer e multiplicar-se (Gn 1.28). A mesma ordem nos é dada, hoje, na dispensação da graça. Todos nós recebemos a ordem de crescer e multiplicar (Mt 28.20; Mc 16.15). A diferença é que Adão se multiplicava como alma vivente; hoje, porém, devemos nos multiplicar através do “crescimento do povo de Deus”.

Só haverá “crescimento em qualidade e quantidade” na igreja do Senhor Jesus, quando cada crente se tornar um líder (um ministro) na igreja e no Pequeno Grupo – cada cristão, torna-se responsável pela obra de Deus e faz acontecer, ajudando o pastor à realizar a obra de Deus. Na maioria das igrejas, hoje, existem dificuldades em um senso do Corpo de Cristo ou estrutura onde os membros possam estar envolvidos de maneira funcional. Estar no Ministério (visão) é estar comprometido! Crentes que não se envolvem, são crentes que não “crescem”. Na igreja em Pequenos Grupos, seus membros têm a oportunidade para desenvolver seu potencial e se tornarem produtivos.

Josué Bengtson ainda ressalta que o Pequeno Grupo não limita o crescimento. Quando o Pequeno Grupo atinge certo tamanho, o mesmo deve se multiplicar e, portanto, nunca chega ao ponto de não poder conter mais ninguém. Depois de cada multiplicação, o Pequeno Grupo diminui o que produz um novo “ciclo de crise de oração” entre os membros, para o grupo crescer novamente. Este ciclo de “crescimento” se renova cada vez que o Pequeno Grupo se multiplica, tornando o “crescimento virtualmente ilimitado”.

A igreja local cresce em qualidade, pois o Pequeno Grupo prepara novas lideranças. Se um líder é colocado por meio de eleições ou outro método artificial, criam-se líderes que têm o título, mas sem a realidade da posição. São líderes artificiais.

No Pequeno Grupo, o processo de crescimento tanto qualitativo, quanto quantitativo acontece de maneira natural. Quando chega o tempo da multiplicação, todos naturalmente já percebem quem deve ser o líder do novo grupo. É algo gratificante ver tantas pessoas funcionando como membros do corpo vivo de Cristo. Temos o privilégio de ver uma estrutura funcionando e crescendo com liberdade, sem temores e permitindo o desenvolvimento do pleno potencial de cada um.

Serão apresentados os aspectos mais importantes do Ministério (visão) do Pequeno Grupo: “cada casa, uma extensão da igreja e cada membro um ministro”.

1) Acabou-se o tempo em que a vida da igreja era algo que acontecia aos domingos, nos templos. **Numa igreja em Pequenos Grupos, ser cristão é um estilo de vida que praticamos em nosso dia-a-dia.** A igreja acontece em todo lugar: nas ruas, nos colégios, nos supermercados, nos shoppings e, acima de tudo, nas casas.

- 2) **Numa igreja em Pequenos Grupos, não recrutamos membros; fazemos discípulos.** Membros de igreja não podem alcançar muito para Deus; discípulos, porém, conquistam nações.³⁵

O amadurecimento e o crescimento da igreja local vêm através do Pequeno Grupo, se fortalecer e se solidificar, por que até então quem estar no comando é o Senhor dos exércitos e o dono da seara.

Por outro lado, Priscila Laranjeira afirma que o preço do “crescimento” é ouvir um “não” por centenas de vezes. “Ensine os membros a não ficarem desanimados com as recusas e a nunca desistirem de alguém”.

É maravilhoso servir a Deus. É maravilhoso trabalhar para que as boas novas do evangelho sejam anunciadas. É mais do que um dever do cristão, é um grande privilégio. É trabalhar para o “crescimento” do reino de Deus. Cada crente é um pescador. Diferentes tipos de peixes se alimentam em diferentes lugares, e em horários diferentes. Não podemos perder as oportunidades. Uma pescaria bem sucedida requer que façamos investimentos: equipamento adequado, botas de borracha. Uma alma tem um valor imensurável e vale todo o investimento que pudermos fazer. Essa pescaria é uma responsabilidade diante de Deus. Se agirmos com seriedade e compromisso, os peixes virão!

De fato o Pequeno Grupo é excelente para o desenvolvimento e crescimento da liderança e durante os estágios (Estágio de Aprendizado ou Formação, Estágio do Amor ou Resolução de Conflitos, Estágio do Vínculo ou Descobrimento de Talentos e Dons, Estágio do Lançamento ou Evangelismo, Estágio da Partida ou Preparação para a Multiplicação). Segundo a opinião de Joel Comiskey: “O Pequeno Grupo prepara as pessoas para pastorear, evangelizar, administrar, cuidar um dos outros e usar os seus dons e talentos”.

O Pequeno Grupo é o melhor lugar para treinar e capacitar futuros líderes e torna o trabalho do pastor mais fácil. Os líderes de Pequeno Grupo cuidam das necessidades dos seus liderados e ajudam a alcançar aqueles que ainda não conhecem e não aceitaram a Jesus como Senhor e Salvador.³⁶

Priscila Laranjeira ressalta que devemos tentar várias vezes para encontrarmos a estratégia certa para o crescimento da igreja, onde o Pequeno Grupo é a “estratégia” certa para preparar de fato e de verdade os seus membros, para serem verdadeiros discípulos cumpridores da Grande Comissão do Senhor Jesus que é: Ganhar almas, consolidar, discipular e enviar.

³⁵ BENGTON, Josué. Op. Cit, p. 13 – 19.

³⁶ LARANJEIRA, Priscila Rodrigues Aguiar, Op. Cit, p. 55 – 58, 115 – 116.

5.1.1. Como o Pequeno Grupo influi no crescimento

Josué Bengtson confirma que o Pequeno Grupo influi no crescimento da igreja local de várias formas:

1. Integração:

a) Quantas pessoas que já aceitaram Jesus e não se firmaram na fé? O problema é que não foram **integradas às igrejas**.

b) O Pequeno Grupo representa uma grande **ponte de integração para dentro da igreja**. A pessoa não será mais um mero número na igreja, por ela conhecerá intimamente as pessoas do Pequeno Grupo e será conhecida pelo seu discipulador.

c) **O segredo de integrar alguém na igreja local é cultivar um relacionamento de amizade profunda** através do Pequeno Grupo.

2. Pastoreamento e discipulado:

a) É da vontade de Deus que todas as suas **ovelhas** sejam **cuidadas**. Em uma igreja baseada em Pequeno Grupo isto pode acontecer.

b) Deus vai nos cobrar seriamente como cuidamos das suas ovelhas. **Cada alma é de eterno valor**.

c) Deus não vai **confiar novas pessoas em nossas mãos**, se não estivermos cuidando daquelas que Ele já confiou.

3. Comunhão:

➤ Quando uma igreja consegue alcançar uma **unidade**, a Bíblia diz que Deus encontra o espaço que Ele precisa para salvar as pessoas. At 2.46, 47: “Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam o pão de casa em casa e tomavam suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo, enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvo”.

4. Treinamento de líderes:

1) Uma igreja baseada em Pequeno Grupo **produz muitos líderes de qualidade**;

2) **A liderança é ensinada na prática**, nas atividades do Pequeno Grupo;

3) **Acompanham fortemente**, se os novos convertidos estão participando dos cursos que a igreja-mãe oferece.

5. Crescimento e multiplicação:

- **O Pequeno Grupo influi no crescimento da igreja local**, por intermédio de uma função muito importante que é a **multiplicação** do Pequeno Grupo. O Pequeno Grupo não se divide ele **se multiplica**.

- O Pequeno Grupo nunca deverá ficar muito grande para que haja sempre uma atmosfera de família.

- Para que haja **uma reprodução rápida** temos que observar o seguinte:

a) **Alvos com datas** para a multiplicação;

- b) **Honrar** aqueles que conseguirem a multiplicação;
- c) Uma **supervisão forte** por parte dos supervisores de Pequeno Grupo;
- d) Uma igreja com **paixão pelas almas**.

Josué Bengtson ressalta que a igreja local é o coração do reino de Deus, e por esta razão vejamos alguns pontos importantes:

- 1) Se verdadeiramente estou buscando o Reino de Deus, devo estar envolvido no trabalho de edificar com Jesus, a Sua igreja aqui na terra.
- 2) Como a igreja do Senhor Jesus Cristo é edificada aqui na terra? Através da igreja local.
- 3) Se eu não estiver edificando a igreja local, não estarei edificando o Reino de Deus aqui na terra.
- 4) O apóstolo João em Apocalipse 1.10-11, ouviu a voz do Senhor Jesus por trás dele. Mas quando virou para ver o Senhor Jesus, primeiramente ele viu sete candeeiros de ouro (Ap 1.12) e só depois viu o Senhor Jesus (Ap 1.13). Os sete candeeiros são as igrejas, as sete igrejas locais (Ap 1.20). Onde estava Jesus? No meio dos sete candeeiros, no meio das igrejas locais. É impressionante a importância que Deus dá a igreja local.
- 5) O Pequeno Grupo é o coração da igreja local, pelas razões abaixo relacionadas:
O Pequeno Grupo que funciona nas casas (igreja no lar) tornar-se o coração da igreja local.
- a) O Pequeno Grupo produz o crescimento e a multiplicação, por isso deve ser o ministério da igreja e não um dos ministérios da igreja local.
- 6) O Pequeno Grupo influi no crescimento dos membros da igreja local, através de uma escada de sucesso, contendo os seguintes degraus:
 - a) **Ganhar** – Nos cultos, nas casas com o Pequeno Grupo e em qualquer lugar através do evangelismo pessoal;
 - b) **Consolidar** – levar o novo convertido ao batismo, e integrar através do Pequeno Grupo;
 - c) **Edificar** – Escola de discípulos, escola dominical, reuniões do Pequeno Grupo nas casas, nos cultos e fazer o encontro com Deus;
 - d) **Treinar** – Escola de líderes;
 - e) **Enviar** – Tomar o membro um líder de Pequeno Grupo.³⁷

O Pequeno Grupo influi de todas as formas para o crescimento quantitativo e qualitativo dos membros da igreja local, preparando-os para serem verdadeiros ganhadores de almas até a volta do Senhor Jesus Cristo.

5.1.2. O perfil de uma igreja que cresce a partir de um Pequeno Grupo

Para que a igreja cresça a partir dos Pequenos Grupos, é necessário que coloque o Ministério (visão) no centro de suas atividades, onde o Pequeno Grupo não é “um programa da igreja”; “é o coração da igreja”. Como diz Lawrence Khong, pastor da Igreja Batista comunidade da fé em Singapura:

Há uma grande diferença entre uma igreja com Pequeno Grupo e uma igreja em Pequeno Grupo ... Nós não fazemos nada fora do Pequeno Grupo. Tudo aquilo que a igreja local precisa fazer – Treinamento, discipulado, evangelismo, oração e adoração – é feito por meio do Pequeno Grupo. Nosso culto dominical é somente uma celebração coletiva.³⁸

³⁷ BENGTON, Josué. Op. Cit, p. 37 – 48.

³⁸ ELIZABETH, Farrel, “*Agressive evangelism in na Asian metropolis*” [Evangelismo Agressivo em uma Metrópole Asiática], revista Charisma, 2001, p. 5

O Pequeno Grupo é aberto e focalizado no evangelismo que é embutido na vida da igreja local. Eles se reúnem semanalmente, para que os seus participantes se edifiquem uns aos outros como membros do corpo de Cristo, e para anunciar o evangelho aqueles que não conhecem a Jesus. O objetivo de cada Pequeno Grupo é apresentar um lugar de amor, comunhão com Deus, justiça, ensino e adoração e como consequência desse perfil e estilo de vida que o Pequeno Grupo dá para os membros da igreja local, multiplicar-se e à medida que o grupo cresce por meio da evangelização e das conversões que seguem, cresce também na graça do Senhor. Dessa maneira os novos membros são acrescentados à igreja e ao Reino de Deus. Os membros do Pequeno Grupo também são encorajados a participarem do culto de celebração da igreja, é quando os Pequenos Grupos se encontram para mais uma vez celebrar ao Senhor.

Esse vínculo básico entre a comunidade de uma igreja e seu Pequeno Grupo é uma das diferenças significantes entre igrejas em Pequeno Grupo e o modelo de igrejas nas casas. O pastor Ralph Neighbour Jr, faz um esclarecimento de grande ajuda:

Há uma diferença nítida entre o modelo da igreja nas casas e os movimentos em Pequenos Grupos. Igreja em Pequenos Grupos tendem a reunir comunidade de 05 a 15 pessoas que se encontram semanalmente. Geralmente, cada igreja em uma casa é autônoma, isolada das outras. Mesmo que elas tenham algum contato com outras igrejas nas casas próximas, elas não reconhecem nenhuma estrutura, além delas mesmas.³⁹

O Pequeno Grupo é uma estratégia que tem dado frutos digno de arrependimento, pois com o Pequeno Grupo tem ampliado sua conquista, seja ela local, com o aumento de membros adorando nos templos, seja geográfica, com a igreja entrando em muitos lugares até então de difícil acesso com o evangelismo tradicional.

5.1.3. Pequeno Grupo e o amadurecimento

Josué Bengtson confirma que o Novo Testamento deixa bem claro que Deus deseja que todo crente seja espiritualmente “maduro”. Ele quer que crescamos de “forma madura”, de acordo com Ef 4.14. E apresenta-nos alguns mitos que estão presentes nas igrejas que não assume o compromisso de fazer discípulos:

MITO 1 - O crescimento espiritual é automático, após você nascer de novo: Muitas igrejas não possuem uma estratégia ampla para desenvolver a “maturidade dos crentes”. Elas deixam tudo ao acaso achando que os cristãos vão automaticamente “cresce e amadurecer” se freqüentarem os cultos da igreja. Milhões de cristãos têm envelhecido sem ter crescido. A verdade é o crescimento espiritual provocado. Este requer esforço e compromisso.

³⁹ RALPH W. Neighbour Jr. Where do we GO from here: A guidebook the cell group church. E agora? Para onde vamos? Um manual para a Igreja em Célula (Houston, TX: Touch Publications, 1990), p. 193

MITO 2 - O crescimento espiritual é místico e a maturidade é alcançada somente por alguns: Infelizmente muitos crentes sentem que “maturidade” é algo que está muito longe de seu alcance, e sequer pensam em alcançá-la. Elas pesam que a “maturidade” é só para SUPER-SANTOS, dando a impressão de que se não orarmos mais de dez horas ou não andarmos sobre as águas, podemos esquecer o desejo de ser “maduro”.

Ex. Exercício físico (I Tm 4.7-8)

- O caminho da forma espiritual é tão prático como o caminho para a forma física.
- O nosso caráter é formado por hábito que desenvolvemos.

MITO 3 - A maturidade espiritual pode ocorrer imediatamente se você achar a “chave” certa: Apesar de termo hoje café instantâneo, leite instantâneo, métodos de emagrecimento instantâneo, não existe maturidade instantânea. E nem atalhos para a “a maturidade”.

- Crescimento espiritual é um processo que leva tempo (Ef 4.13: “Desse modo todos nós chegaremos a ser um em nossa fé e no nosso conhecimento do Filho de Deus. E assim seremos pessoas maduras e alcançaremos a altura espiritual de Cristo”.
- Os crentes crescem mais rápido quando você dá uma trilha na qual eles possam crescer.
- O pastor tem esta responsabilidade com seu rebanho, de oferecer diretrizes para o amadurecimento espiritual.

MITO 4 - A maturidade espiritual é medida pelo que você sabe - O conhecimento bíblico é imprescindível para a maturidade espiritual, porém não é a única forma de medi-la. A habilidade de discutir doutrinas é considerada para alguns, maior prova de espiritualidade. Eles podem explicar qualquer passagem bíblica e defender qualquer doutrina, mas não têm amor, são orgulhosos e gostam de julgar os outros.⁴⁰

O único motivo que Deus criou a estratégia do Pequeno Grupo é para ganhar almas para o Seu reino, onde devemos discipular, consolidar e enviá-las para que ganhem outras almas e assim, teremos uma igreja local composta de membros maduros e alicerçados no cumprimento do ide de Cristo. Temos que ter cuidado com os mitos nos quais são mortais.

5.2.1. Como o Pequeno Grupo atua para o amadurecimento da igreja

Joel Comiskey afirma que a igreja em Pequeno Grupo tem um sistema passo a passo para levar a pessoa à conversão até a maturidade espiritual. O trilha de treinamento está intimamente ligado com o ministério (visão) de Pequeno Grupo e favorece o processo da multiplicação do Pequeno Grupo.

Alguns sinônimos possíveis para a palavra “trilha” são caminho, roteiro, canal, estrada. Um trilha de treinamento ou de capacitação leva o novo convertido do ponto A ao ponto B. O treinamento é algo específico e o resultado final são discípulos que fazem novos discípulos por meio do novo Pequeno Grupo.

⁴⁰ BENGTON, Josué. Op. Cit, p. 55 – 58.

Os trilhos de treinamento das igrejas em Pequeno Grupo são caracterizados pela simplicidade e facilidade de manejo. Eles têm um início e um fim definidos; qualquer pessoa nova convertida que entra na igreja pode facilmente entender o que é preciso para ir de A até B.

Jesus disse: “sobre essa pedra edificarei a igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Jesus Cristo é a cabeça da igreja. Toda a autoridade foi dada a Ele (Mt 28.18: “Então Jesus chegou perto deles e disse: - Deus me deu todo o poder no céu e na terra”.) Ele vai edificar Sua igreja e é o único que pode sustentar o amadurecimento e o crescimento.

Podemos de fato plantar e regar, mas em última instância é Deus quem dá o amadurecimento e o crescimento (I Co 3.6-9). Não devemos querer fazer parte de uma igreja que cresce por causa das habilidades ou da personalidade de seu pastor coordenador. Assim que o amadurecimento e o crescimento da igreja se tornam algo feito na força do homem, uma estratégia do tipo “eu fiz”, devemos fugir dela.⁴¹

Por lado Priscila Laranjeira frisa, que a integração dos membros da igreja local em Pequeno Grupo os tornam cada vez mais amadurecidos. A integração é sinônimo de coerência, conexão, consistência, nexos e relação, por isso é apropriado falarmos de integração entre o Pequeno Grupo aos demais ministérios da igreja, quando nos relacionamos significativamente. Para muitos tal possibilidade é uma utopia. Mas há esperança no Senhor, pois as transformações, o amadurecimento e o crescimento ocorrem pela graça. O Pequeno Grupo atua de forma sólida, procurando melhorar o seu desenvolvimento e tornando eficazes e amadurecidos os seus membros, onde cada crente é um ministro da Palavra de Deus, e cada casa uma agência do Reino do Senhor.

Segundo Priscila Laranjeira existem três princípios dominantes os quais devem guiar o amadurecimento do Pequeno Grupo por toda a igreja local: 1ª) um sistema de desenvolvimento comum, 2ª) uma estrutura comum e 3ª) uma base comum. O Pequeno Grupo devem ser a coluna vertebral da igreja local e os demais ministérios devem ser os músculos. Todo músculo precisa de sustentação. As pessoas são mais diferentes e muitas se agrupam por afinidade, o que não é nenhum problema.

1. **Sistema comum** – Todos os ministérios da igreja estão interligados, interdependentes. Apóiam-se em suas necessidades e estão prontos.

2. **Estrutura comum** – Os pastores responsáveis e preparados asseguram que os alvos e metas dos ministérios sejam cumpridos, ensinados, praticados e integrados semanalmente à vida do Pequeno Grupo.

⁴¹ COMISKEY, Joel, 1956 – Mitos e verdades a respeito da igreja em células: princípios-chaves para a edificação do ministério de células / Joel Comiskey; [tradução de Betina Penner Andrade]. Editora: Vida, Edição: 1ª – Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 2012, p. 36 – 37, 51.

3. **Base comum** – É alcançado ao se fomentar a afinidade (que são aquelas coisas que as pessoas têm em comum: mesma profissão, mesmo time, filhos da mesma faixa etária, etc.). As afinidades não representam a completa expressão da vida de um Pequeno Grupo, às vezes elas facilitam outras vezes atrapalham.⁴²

Os três princípios dominantes que Priscila Laranjeira apresentou para o amadurecimento da Igreja local através do Pequeno Grupo, são os que sustentam o Ministério (visão).

Josué Bengtson defende a tese que o Pequeno Grupo atua para o amadurecimento da igreja local através da consolidação do novo convertido, salientando os pontos abaixo relacionados:

- a) **Consolidação**: Firmar o novo convertido na fé e na igreja local.
- b) **Acolhimento inicial**: Feito pelos líderes do Pequeno Grupo, em uma sala prepara.
- c) No momento em que o visitante aceita Jesus e é chamado à frente, os supervisores e os líderes dos Pequenos Grupos se levantam, à fim de estimular e quebrar qualquer barreira de timidez daquele (a) que tomou uma decisão ao lado do Senhor Jesus.
- d) Cada líder deve procurar uma pessoa do mesmo sexo, e se colocar ao lado dela, a fim de começar o **acolhimento e a consolidação do novo convertido**.
- e) Na hora da **oração de confissão**, o líder deverá colocar as mãos no ombro e orar com ele incentivando a fazer a oração de aceitação a Jesus Cristo.
- f) O novo convertido será convidado para ir a uma sala previamente determinada e preparada para continuar o acolhimento e será preenchido um formulário com os dados pessoais do novo convertido.
- g) Em seguida será feita uma **oração especial**, que envolverá a vida pessoal e familiar do novo convertido.⁴³

Realmente sem consolidação dos novos convertidos, não haverá crescimento e nem tão pouco amadurecimento da igreja local, até por que a consolidação dos novos convertidos é um dos esteios do sucesso do Pequeno Grupo e principalmente da igreja local.

5.2.2. Que tipo de amadurecimento que se dá na igreja a partir do Pequeno Grupo

Priscila Laranjeira mostra-nos os tipos de amadurecimento que se dá na igreja local a parti do Pequeno Grupo:

1. **Reconhecimento**: Falamos tanto a respeito de palavras motivadoras e de encorajamento e muitas vezes hesitamos em usá-las. Quanto custa reconhecer o que o outro fez bem feito? Ou quanto custa dizer-lhe que “está bom, mas pode ser melhor”. O elogio sincero produz resultados excelentes e motiva o outro a prosseguir ou a melhorar. No Pequeno Grupo um membro reconhece o quanto o outro é importante.
2. **Integração**: Todos nós desejamos fazer parte de algo: seja a família, um grupo, uma turma. Deus nos criou como seres que amam a vida em comunidade. Sentimo-nos realizados e felizes no Pequeno Grupo. Nossa necessidade de integração é tão grande que muitos anulam sua própria personalidade para contar com a companhia do outro, para ter o apoio do outro.
3. **Compreensão**: Temos uma necessidade enorme de sermos compreendidos. Na atualidade, com a evolução da tecnologia, o que devia nos aproximar acaba nos separando. Por exemplo: Vivemos conectado com a internet. Teclamos, falamos uma linguagem toda particular e mesmo assim nos sentimos solitários. A compreensão é fundamental para que um Pequeno Grupo caminhe e siga em

⁴² LARANJEIRA, Priscila Rodrigues Aguiar, Op. Cit, p. 163

⁴³ BENGTON, Josué. Op. Cit, p. 50 – 51

frente. E é, no Pequeno Grupo que encontramos a compreensão verdadeira, sólida e eficaz, a qual nos leva ao amadurecimento e ao mesmo tempo crescimento da igreja local.

4. **Amor:** Será que existe algo mais necessário a vida humana do que o amor? O amor de Deus pelo ser humano é tão grande que João disse: “Deus amou o mundo de tal maneira ...”. Para que um relacionamento seja verdadeiro e tenha real valor é preciso que haja amor. Em Pequeno Grupo é o amor que mantém a unidade, a cumplicidade e o comprometimento.⁴⁴

A igreja local através do Pequeno Grupo, busca interagir e amadurecer os seus membros.

É ressaltado por Joel Comiskey que o Ministério (visão) da igreja em Pequeno Grupo exige delegação de tarefas e responsabilidades. Pastores de igrejas em Pequeno Grupo que vive esse ministério por longo tempo dão poder aos seus membros para fazerem o trabalho do ministério. Eles pastoreiam o rebanho através desses membros. (Efésios 4.11, 12).

O objetivo do pastor cuja igreja local está baseada em Pequeno Grupo é equipar os membros para que dêem continuidade ao trabalho da igreja com amadurecimento e segurança. E o objetivo da igreja em Pequeno Grupo é fazer discípulos maduros e preparados. Em Mt 28.18-20, as Santas Escrituras deixam claro que a igreja foi chamada para fazer discípulos através do Pequeno Grupo. O foco da igreja deve ser: fazer discípulos em todas as nações. O propósito dado por Deus é discípulos que também façam discípulos. O Pequeno Grupo é o melhor instrumento para fazer discípulos (multiplicação).

Jesus Cristo mesmo deu o exemplo disso para o mundo, quando escolheu os doze homens e viveu com eles em uma pequena comunidade durante três anos. Jesus discipulou os seus doze num ambiente em que podia dar muitas instruções práticas e interagir com eles. Grande parte do ensino de Jesus era demonstrar e ensinar, e na medida em que os discípulos foram amadurecendo e estavam prontos para liderar a igreja.

Os discípulos continuaram fazendo discípulos no mesmo tipo de ambiente. O Espírito de Deus veio sobre eles de forma poderosa, e eles começaram a reunir-se de casa em casa. Os crentes se reuniam em casas onde podiam amar uns aos outros, praticar a hospitalidade e continuar o trabalho de Jesus Cristo. Os mesmos discípulos que foram cuidados num ministério de casa em casa espalham o evangelho plantando igrejas nas casas e conectando-as em encontro de celebração (é o culto que reúne todos os Pequenos Grupos na igreja-mãe em um determinado dia), sempre que possível (At 2.42-46).

Joel Comiskey salienta que o Pequeno Grupo, tem todos os elementos necessários para levantar ministros. Os Pequenos Grupos são mini-igrejas. Líderes de Pequeno Grupo eficazes pastoreiam, evangelizam, treinam, aconselham, encorajam, ouvem, e desafiam os

⁴⁴ LARANJEIRA, Priscila Rodrigues Aguiar, Op. Cit, p. 143 – 147

seguidores de Cristo Jesus. Aqueles (as) que lideram Pequenos Grupos fazem o que um pastor faz.

Jesus não veio para ser servido, mas sim para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10.45). Liderar um Pequeno Grupo tem tudo a ver com dar, mesmo quando as pessoas não retribuem. Tem a ver com o exercitar o amor ágape, sem esperar nada em troca.

No Pequeno Grupo, membros aprendem a alcançar os descrentes, aconselhar um membro em pecado, ouvir as necessidades de outros ou visitar alguém que tenha faltado ultimamente. O ambiente do Pequeno Grupo permite que uma pessoa ministre a outros e, nesse processo, experimente o crescimento pessoal. Portanto, o contexto do Pequeno Grupo é um caminho muito mais eficiente para ganhar almas, consolidar, discipular e treinar futuros ministros (líderes) maduros e sólidos nos ensinamentos do Senhor Jesus Cristo.

O Pequeno Grupo prepara discípulos para fazer outros discípulos, esta estratégia não pode parar, pois o reino de Deus tem que crescer de forma madura, sólida e eficaz, onde os líderes de Pequenos Grupos podem em qualquer circunstância substituir o seu pastor com muito sucesso, este crescimento e amadurecimento da igreja local não depende somente do pastor, mas de todos os membros comprometidos com a Grande Comissão que Jesus Cristo delegou para a Sua igreja.

6. CONCLUSÃO

A estratégia do Ministério (visão) da igreja em Pequenos Grupos é uma realidade que serve de modelo para a administração da igreja local, pois possibilita uma conquista grandiosa e organizada para que a sociedade siga a vida cristã que é a prática do sacerdócio, ou seja, um estilo de vida que glorifica o nome do Senhor. Neste trabalho a origem da célula biológica, que nasce através do conceito de Pequeno Grupo dando origem a célula espiritual, quando apresentado desde o Antigo Testamento através da trindade e de Jetro, quando Moisés que havia liderado o povo de Israel desde o cativeiro do Egito, onde não foi capaz de julgar todos os problemas que lhe apresentavam. Moisés sentiu-se limitado em sua liderança à medida que aumentava o caminho para a terra prometida. O que Moisés fez foi delegar autoridade ministerial a um grupo de líderes que tinham de Deus a mesma visão para governar o povo de Israel. Em um ambiente repleto de desigualdade social, cheio de sofrimento, dor, pobreza, mas ao mesmo tempo cheio de esperança e expectativa como era o contexto da igreja do Novo Testamento. É pertinente falar da manifestação de Deus através dos Pequenos Grupos pelo poder do Espírito Santo, manifestando a sua glória de forma que essa glória trás uma espiritualidade que promove a união das pessoas, mesmo considerando suas diferenças, sejam elas Judeus, ou Gentios. Mas ao mesmo tempo desprezando a exclusão e trazendo a igreja para junto do povo e tirando o individuo do isolamento. É a comunhão definitiva que Cristo ressurreto na força do Espírito Santo proporciona a transformação nas relações humanas a fim de que haja unidade da sociedade. É importante concluir que a obra do Espírito Santo que transforma o homem, capacitando-o para uma nova caminhada, como um sacerdote que leva as pessoas para o Senhor, ou seja, a obra da redenção.

7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- MOREIRA, Dinamércia Faria Barbosa, **Igreja em Células**, Editora: Profetizando Vida, Belo Horizonte – MG, 2001.
- FILHO, João Coimbra, **Célula de Discipulado – Treinamento de Líderes**, Edição – 1ª, Editora: Gráfica Veras, Belém/ Pará, 2012.
- BENGTSON, Josué. **Manual da Igreja em Células**. [manual da Igreja do Evangelho Quadrangular, Belém-Pará, sem outras informações]. O Ver. Josué Bengtson foi o fundador da IEQ na Bahia e no Pará, um ex-metodista.
- LARANJEIRA, Priscila Rodrigues Aguiar, **Como Implantar, Desenvolver e Manter Grupos Pequenos Fortes e Saudáveis**, Curitiba: A. D. Santos Editora, 2011.
- MAGALHÃES, Pr. Waldecir. Seminário de Células. Belém-Pará: Comunidade da Paz, 2011. Seminário realizado nos dias 17 a 20 de fevereiro de 2011.
- KORNFELD, David; ARAÚJO, Gedimar de. Implantando Grupos Familiares (Pequenos Grupos): **Estratégia de Crescimento segundo modelo da Igreja Primitiva**. 3ª Ed. São Paulo: Sepal, 2002.
- KLOPPENBURG, Boaventura, **Trindade: O amor em Deus**/Boaventura Kloppenburg – Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1999.
- KIVITZ, Ed René, Koinonia **Manual para líderes de Pequenos Grupos**, São Paulo, Editora: Abba, 1ª Edição no Brasil – 1994.
- LADD, George Eldon, 1911 – 1984, **Teologia do Novo Testamento**/George Eldon Ladd: tradução de Darcy Dusilek e Jusana Marindir Pinto Simões Arias, 2ª Edição, Rio de Janeiro: JUERP, 1993.
- RYRIE. Charles Caldwell, **A Bíblia Anotada**, Versão Almeida Revista e Atualizada, Editora Mundo Cristão, 1ª Edição, 1991.
- BONNKE, Reinhard. Evangelismo por fogo. Ed. David Lant, 2002, p. 73.
- NEIGHBOUR Jr Ralph W. *Where do we GO from here: A guidebook for the cell group church*. **E agora? Para onde vamos? Um Manual para a Igreja em Células** (Houston, TX: Touch Publication, 1990).
- ELIZABETH, Farrel, “*Agressive evangelism in na Asian metropolis*” [Evangelismo Agressivo em uma Metrópole Asiática], revista *Charisma*, 2001, p. 5.
- RALPH W. Neighbour Jr. *Where do we GO from here: A guidebook the cell group church*. **E agora? Para onde vamos? Um manual para a Igreja em Célula** (Houston, TX: Touch Publications, 1990).
- COMISKEY, Joel, 1956 – **Mitos e verdades a respeito da igreja em células: princípios chaves para a edificação do ministério de células** / Joel Comiskey; [tradução de Betina Penner Andrade]. Editora: Vida, Edição: 1ª – Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 2012.

